



ORMA
869.91
B428

POESIAS

DE

TULLIO BELLEZA.

NATURAL DO MARANHÃO.

MARANHÃO:

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ MATHIAS,
rua Grande, n. 19.

1865.

AO ILLM. SNR. DR.

HERACLITO D'A. PEREIRA DA GRAÇA

OFFERECE

O AUCTOR.

LIVRO PRIMEIRO.

POESIAS LYRICAS.

DESESPERAÇA.

Il est un charme dans la tristesse,
lorsqu'elle est tendre, e le cœur est
en paix; mais le chagrin consume
l'homme, et ses jours s'éteignent bi-
entôt dans les larmes.

OSSIAN.

Pallidos correm da existencia minha
Os dias tristes de infernal tormento;
Nem a esp'rança que ao misero acarinha
Reluz nas trevas minhas um momento.

Todo o véo de illusão, que me envolvia
Nas garras vi romper do desengano,
A ventura, que amena me sorria,
Desfez n'um dia só poder tyranno.

Arida e triste ora a existencia minha
Contemplo na mudez do abatimento,
Co'o passado na mente, que definha
Aos embates crueis do meo tormento.

Em triste realidade, abysmo feio
Trocão-se agora as illusões do mundo;
O que outr'ora afaguei dentro em meo seio
Horror causar-me vem, asco profundo.

Tudo quanto o prazer compõe da vida,
Hoje frio contemplo em mudo horror;
Só para torturar-me, em crua lida
Brama em meo peito truculento amor.

Em vão com furia insana combatido
Hei mil vezes o mal, que me consume,
Dando em terra, porém, sempre vencido
Entre as garras cruentas do ciume.

Tudo, oh céos! conspirou para o meo damno!
Fiei das mãos da ausencia o meo futuro,
Que, com ser das paixões o mór tyranno,
Ao meo fado curvou-se acerbo e duro.

Fugi dos olhos seos, os meos em pranto,
E longe fui chorar, gemer calado,
Quando a noite desdobra o negro manto,
E geme e chora afoito o desgraçado.

Seguiu-me os passos tacita e sombria
Da trahida innocencia a sombra inulta,
Austêra me exprobrando a ausencia impia,
Que a vida em densas trévas me sepulta.

Fugi-lhe, sim, cruel, fugi-lhe, ai triste!
Mas, ah! que não fui eu d'ella o verdugo;
Curvei-me, é certo, como, ó céo, tu viste,
De crua tyrannia ao ferreo jugo.

Barbaro creio-me, abominou-me infido,
Porque apenas do mundo a scena via
Por entre um prysma de illusões mentido,
Que a feia realidade lhe encobria.

Só eu quanto senti dizer podêra,
Só eu, que a dôr trouxe ferrenha e dura
No momento fatal. . . Ah! si eu morrêra,
Poupára-me esse horror a sepultura.

Poupára-me o descrer mesto, afflictivo,
 Que em meos labios traduz sorriso algente,
 Hoje que em turvo pégo immerso vivo,
 Em chamma o peito, torturada a mente ;

Triste descrer, que a gloria, que o futuro
 Converte em sonho vão, converte em nada;
 Hirto phantasma, nebuloso, escuro,
 Que os passos segue á victima execrada !

Em vão recuo ante elle horrorisado
 Qual de nocturno espectro horrido e feio;
 Seguio-me os passos torvo, o collo alçado,
 Brandindo a mão minaz contra o meo seio.

Em balde do passado os aureos dias
 Do presente nas trévas hei buscado,
 Em vão aquellas doces alegrias,
 Que em riso tresbordavão, doce agrado.

Baldado empenho ! As illusões d'outr'ora
 Myrrarão-se qual flôr ao sol ardente
 De cáldo verão; resta-me agora
 N'alma o deserto do infeliz descrente.

Oh céos! e é crível que a ventura?... Basta,
Basta emfim de carpir-me: o amor eterno
Bramirá no meo peito, emquanto arrasta
Minha alma o corpo n'este horrendo inferno.

E ella? Perdida, e por ventura agora
D'outrem nos braços alentando a vida,
Tão bella e meiga como a vira outr'ora
De gozos e de amor embevecida.

Praguejando talvez o afflicto vate,
Cujo peito achará cruel, ferino,
Quando carpir devêra o rude embate,
Que soffre o triste de seo máo destino.

DEM, Ó NOITE !

Solitario!... Eu solitario

No meio da noite escura?

Não, que os céos, e o ar, e o rio,

Tudo me falla ternura.

A. F. DE CASTILHO.

Vem, ó noite, que ha tanto te aguardo,
Desenrola teo manto de horror,
Que a mim só vens trazer alegria,
Quando a todos' tu causas pavor.

Meia noite já deo, tudo dorme,
Ninguem ama a taes horas velar,
Só eu quero, em teo manto envolvido,
Terra, mares e céos contemplar.

Quando tudo repousa na terra,
Quanto é doce sósinho existir,
Revolvendo na mente o passado,
Deslembrando o presente, o porvir!

N'este tronco assentado sósinho,
Sob a copa sombria da palma,
Ao repouso silente da noite
Abandono sem susto minh'alma.

Oio a briza nocturna no tronco,
Perpassando de amor suspirar,
E os raminhos co'o sopro agitando,
Na folhagem subtil ramalhar.

Vejo o céu recamado de estrellas,
Que scintillão com mago fulgor,
Retratando nas águas serenas
Tanta gala, belleza e primor.

Oio ao longe o rugido da vaga,
Que se vem sobre as syrtes quebrar
Pela arage impellida da noite,
Que suspira nas praias do mar.

Lá do enleio de escura floresta
 Amo vêr a taes horas surgir
 Vagalume nocturno, que passa
 Atravez da ramage a luzir.

Amo o canto sinistro, agoureiro
 Do plangente, sentido acauhan,
 Si do bosque desprende um queixume
 Qual gemido de nympha louçan.

Amo ouvir sussurrar o regato
 D'alta noite a mudez perturbando,
 Quando em leito arenoso entre relvas
 Mollemente se vai deslisando.

A ti só quero amar, noite escura,
 Só tu és quem me falla de amor,
 Veste o negro, que trajas, minh'alma,
 Que descreo do femineo candor.

Em teo seio sómente eu respiro,
 Quando reina total solidão,
 Tuas auras mitigão sómente
 Minha acerba, continua afflicção.

Vem, ó noite sombria e calada,
Vem, desdobra o teu véo de terror;
Só eu amo velar em tuas sombras,
Quero, ó noite, a ti só ter amor.

DESALENTO.

Enchi em curta idade, e instantes poucos
Longa vida de amor, mais longa em penas.

A. F. DE CASTILHO.

Quatro lustros, e tres annos
Nas trevas de um máo passado
Cahirem ja vi, rasgado
O véo de antigos enganós;
De obedecer a tyrannos
Em fim ja nimio cançado;
Carpindo sempre meo fado
Negro, lugubre, iracundo,
Pouco sentira do mundo
Ser pela morte arrancado.

Após um sonho mentido,
 Parto da humana loucura,
 Que põe da vida a ventura,
 Onde mais praz ao sentido,
 Mil vezes tenho corrido,
 Mas todas ellas em vão:
 Amena, grata illusão
 Balda de senso e verdade
 Do mundo a felicidade
 Torna-se á luz da razão.

Dores, tormento, queixume,
 Duro viver, afanoso,
 Si um curto instante de gozo,
 Annos de atroz pesadume;
 Juncto do amor o ciume,
 Debil, caduca existencia
 Á humana, infeliz essencia
 Junctou um ser sublimado,
 Tendo o homem condemnado
 Á mais cruel dependencia.

E tudo tenho soffrido
 Sem um suspiro, um queixume,
 Da magoa, que me consume,
 Enfermo, lasso, abatido:
 Da vida o sonho mentido

Que de vezes me enojado
Não tem já ! porê'm meo fado,
De meo delirio zombando,
O meo viver miserando
Adrede tem prolongado.

Em paga de immenso amor
O fel do sarcasmo frio
Atirou-me o mundo impio,
E rio-se da minha dor:
Mas d'esse mundo impostor,
Seara de gozo e flores
Aos nescios e adultores,
Os damnos, que hei recebido,
Assaz me tem prevenido
Contra seos risos trahidores.

Amei-te, Anella, e com veras
Dei-te o meo primeiro amor,
Esse fogo abrasador,
Cuja causa tu só eras :
Ingenua, como devêras,
Não tem teos labios mentido,
Antes leal tens tu sido
Apezar do vento irado,
Que, contra nós desfechado,
Cruel nos tem desunido.

Somente, Anella, somente,
N'este mundo embaidor,
Teos olhos, e teo amor
Me querem fazer contente:
O fado, que não consente
Ter eu um prazer constante;
Que o gozo de um curto instante
Vem tyranno envenenar,
Deixa-me ainda encontrar
Nova vida em teo semblante.

E eu vivo a morte olvidando,
E a vida ainda mais dura,
Do teo amor na doçura
Minha existencia firmando;
Embora de quando em quando
Um louco, febril transporte
Negra, lugubre cohorte
De males mil me apresente,
O teo amor não consente
Me arroje aos umbraes da morte.

E eu vivo cortindo dores,
Oh ceos ! de ti separado,
Sem jamais ter acertado
O alvo de meos amores ;
Sinto da sorte os rigores,

Mas não prorompo em vãos ais ;
Da vil relé dos mortaes,
Que tenho por inimiga
Só quero que a penna diga
Os vis instinctos brutaes.

Mas como queira o meo fado
Que prove taes dissabores,
E tenhas com teos amores
Meos pezares mitigado;
Darei por bem empregado
Da vida o rapido instante,
Qual o afflicto caminhante
Sob a mangueira sentado,
Que o tem do sol abrigado
Com sua coma ondulante.

Serás na presente vida
Minha esp'rança derradeira,
Serás a virgem fagueira,
Que á luz de Deos me convida :
Minha alma a teos pés rendida
Escrava tua ha de ser;
E quando um dia envolver
O meo corpo a terra dura,
Sobre a minha sepultura
Não te escuses de escrever:

—Aqui jaz quem por Anella
 Tragou da vida a amargura;
 Si no mundo achou ventura,
 Somente deveo a ella:
 Sorrio-lhe qual meiga estrella
 Ao nauta em procella escura;
 Mas foi a morte tão dura,
 Que, ao cabo de tanto afan,
 Á virgem meiga e louçan
 Roubou-o tão sem ventura!—

DESENGANO.

Pleure, le ciel te voit!—pleure, fille adorée!
Laisse une douce larme au bord de tes yeux bleus
Briller, en s'écoulant, comme une étoile aux cieus!
Bien des infortunés dont la cendre est pleurée
Ne demandaient pour vivre, et pour benir leurs maux
Qu'une larme, une seule, et de deux yeux moins beaux!

A. DE MUSSET.

Que negro fado nosso amor, donzella,
Nosso voto illudio? Que máo destino
Infausto termo a nosso amor traçara?
Tu, que soubeste amar, qual hoje é raro,
Firme no affecto, cega na ternura,
Tão joven, quando apenas te arfa o peito
Co'o primeiro bater do amor!... Coitada!
Cedo, bem cedo abandonou-te a esp'rança;
Brilhou dous dias para ti sómente
N'um magico horizonte alma ventura,

Que sentiste qual nuvem dissipar-se
 Ante teos olhos, que soffrer mal pôdem
 Cruel realidade sempre horrivel!
 Pobre donzella! ardendo a phantasia,
 Nem ella te traçara em dubias côres
 Aos olhos da razão crueza tanta
 Dentro de humano peito, que aferias,
 Não pela palma, que obteve o crime
 Da geral corrupção no seio ovante,
 E sim pela virginea singelleza
 De um terno coração. Pobre donzella!
 Vivendo para amar, teo peito ardente
 Outro em balde buscou de amor sacrario,
 Que, unido estreito ao teo em doce amplexo,
 Seo arfar compr'endesse. Em vão: a sorte
 Cruel contigo foi, cruel conmigo,
 Que de dôr traspassado, amante afflicto,
 Me é forçoso dizer:—Cumpre deixar-te!—

Tu só, mundo cruel, de ambos o affecto
 Tyrannizado tens! Soffrer calados
 Truculenta paixão, que dilacera
 De amor a fragil viscera esmagada,
 Tão perto pelo amor, e tão distantes
 Por preconceitos, convenções forjadas
 A bem de alguns, que co'a fortuna cabem,
 Mal eterno aos demais; dentro no peito

A paixão suffocar, que raiva e brama
 Maior que o vaso, em que caber não póde
 Em vão tentado lemos: nosso affecto
 Nada póde matar, d'alma arrancando
 Pedacos, ondê amor mais se arraigára!
 Pobre donzella! quando já na dextra,
 Para cingir-te a fronte, sustentavas
 A grinalda de rosas, que ao noivado
 Acompanhar-te houvéra!... Tudo, oh! tudo
 Em dous dias desfêz poder tyranno!
 Murchas as rosas, a quem dava a esp'rança
 Seiva e vigor, de pranto ora orvalhadas
 Não mais reviverão: talvez, quem sabe?
 Do noivado da vida ao do sepulchro
 Levar-nos queira a morte. Sim, só ella,
 Vibrando a fouce curva, aos males nossos
 Termo alfim virá pôr do Orco ululando.
 Da vida o eterno adeos estreito unidos
 Déramos nós impavidos, risonhos
 Ante o espectro da morte, pois que a vida
 Em pranto se nos foi. Ah! bata cedo,
 Bata a hora—tremenda ao que, ditoso,
 Libando a doce taça da ventura,
 Jámais tocou nos labios do infortunio
 O calice amargoso extravasando.
 Saudades!... e de que?... de um mundo vario,
 Corrupto, fragil, contingente, cego,
 Onde no pó da terra se debate

Co'o verme vil o altivo soberano,
Sempre infeliz, ousado embora empunhe
O sceptro do universo! Que delirio!
Correr após a sômbra da ventura
Fugace qual relâmpago, que corta
Rápido as trévas da procella escura
Em noite tenebrosa, e sempre em balde,
Para infeliz morrer! A nós que importa
Mais um dia, ou mais dous? assaz não temos
Libado o mel da vida, e do absyntho
Té as fezes o calice esgotado?

Sobre ti soprou rija a tempestade
De males, que, em tufões caliginosos,
Tua dita sossobrou: cruel tormenta!
Nas azas da procella arrebatada
De tua dita a par minha ventura
De chofre foi, e um barathro de angustias
A vida nos deixou. Pobre donzella!
Quando o porto aferrando, que almejavas,
Sumir-t'o vem da vista a desventura,
E á mercê da tormenta, que te esgarra,
Aos duros repellões do vento irado,
A fronte te inclinou qual flôr mimosa,
Que, aos sopros do euro, que furioso a investe,
Na haste se agita, e pende desmaiada.
Quem te ha de agora amar? no mundo ingrato

Que homem, pisando a sordida cobiça,
O amor, que dei-te, chamma honesta e pura,
Limpa de lodo e pó, mais ha de dar-te?

Longe do mundo, timida, orvalhadas
De pranto as faces, que a paixão desbota,
Flor do deserto, pallida, esquecida,
Occulta viverás. Juncado leito
De desfolhadas, olorosas flores,
Que esparzira Hymeneo, não mais te aguarda
Voluptuoso em pompas de noivado.
Tudo, ai triste! murchou ante teos olhos
Qual aos do estivo sol raios ardentes
Da magestosa palma a verde c'roa,
E, em negras sombras de tristeza immersa,
Carpir em vão te vejo a desventura
Cruel com ambos nós. Teos negros olhos,
Astros da noite ha pouco scintillantes,
Amortecidos, languidos contemplo
Em treguas de delirio: sim, teos olhos,
Que, mil vezes, brilhando em mar de gozo,
Nos meos fitaste á luz argentêa e frouxa
De pallido luar, quando da noite
A fresca viração pela calada
Brando rumorejava: almo sorriso,
Que, do peito partindo, á flôr dos labios
Brincar sohia, da innocencia d'alma

Fiel abono, em teo semblante triste
Prematuro morreo; e ora contemplo
Em vez de riso as lagrymas, que correm,
Da dôr a contraecção, da desesp'rança
O mudo abatimento: tudo a sorte
Roubar-nos quiz, e em cambio dos prazeres,
Das magoas, para alivio, que nos pungem,
Deo-nos o pranto, a solidão, a morte!

A MINHA ANELLA.

Vi-te um dia, e logo, Anella,
Fitando os meos nos teos olhos,
No mar suppul-os da vida
Para mim crueis escolhos.

Movi o leme em contrario,
Manobrei, fugindo o p'rigo;
Mas de novo a ti me arrojam
As furias do vento imigo.

Em balde com vento e mares
Lutei sem lume, ou farol ;
Era noite, e perto ouvia
Rebentando o mar em frol.

Longo tempo ao som das aguas
Brincou commigo o escarcéo,
Mil vezes medi o abysmo,
Outras mil subi ao céu.

E já lasso, e trabalhado,
Leme e vela abandonei,
E, d'encontro á syrte horrenda,
Com meo batel naufraguei.

Mesquinho naufrago errante,
Em balde o porto procuro,
Do qual me alonga e desvia
Medonho tempo obscuro.

E eu corro á mercê das aguas,
Chorando minha ventura,
Talvez de n'ellas, não longe,
Ir topar co'a sepultura.

Então, Anella querida,
Não sentirei mais amores,
Queixas vans farei mais nunca
Da sorte contra os rigores.

Da vida o fio rompido
Na morte acharei ventura....
Ah! talvez nos céos um dia
Gozemos de luz mais pura.

SONETO.

De teo celeste rosto enamorado,
Nas cadêas de amor cahi rendido;
Ao ferreo jugo em fim submettido,
Gemi, chorei, em vão, maniatado.

Adverso, iracundo o negro fado,
Inda chorar quiz ver-me um bem perdido,
Dos muitos, que já tenho assaz carpido
Não satisfeito em fim, não saciado.

Alto ergueo entre nós o braço duro,
E, co'o fatal poder, que a tudo alcança,
Nosso amor fulminou tão casto e puro.

Não choro teo rigor, tua esquivança;
Choro, entre as garras do meo fado escuro,
Não poder mais riscar-te da lembrança.

CANÇONETA.

É alta a noite,
Silente a rua,
Vem no horizonte
Surgindo a lua.

Tudo é silencio,
Tudo é pavor,
Sómente a briza
Geme em redor;

E ao longe apenas
Débil se escuta
O som da vaga
Rugindo em luta.

Hora propicia
Ao meo amor
É esta, Anella,
De tanto horror.

Sósinho e triste
Empunho a lyra,
Teos lares busco,
E amor me inspira.

Em fria pedra
Triste assentado,
Tempero as cordas
Acautelado.

Por ti meo canto
Saudoso ouvido,
Ouço entalado,
Longo gemido.

Então meo canto,
Terno, amoroso
Logo esmorece
Triste, saudoso.

Rompendo as cordas
Da lyra amante,
Teos lares deixo
Já delirante.

Mil votos faço
De mais não dar-te
Ternos descantes,
Por não magoar-te.

Em vão, Anella;
O Deos de amor
Zomba dos votos
Do teo cantor.

SEMPRE ESTE TRISTE CANTAR !

Eu por minha desventura,
Não ha já mal, que não visse;
Mas nunca tanta tristura
Me lembra que inda sentisse.

BERNARDIM RIBEIRO.

Emfim de todo eis-te perdida agora,
E para sempre ! Não julguei-te infida;
Mas hoje sei que teo amor de outr'ora
Foi sombra van, foi illusão mentida.

Ah ! tão depressa já o olvido esconde
Tanto protesto, que te ouvi de amor !
Onde o deixaste tão depressa, aonde
Esse do peito simulado ardor ?

Não eras anjo, bem que o todo teo
Angelical se me mostrasse; em fim
Mulher tu eras, que o affecto meo
Não compr'endeste, porque soes assim.

Não me arrependo de já ter-te amado;
Amei um anjo: pelo menos cri
Ter nessa fôrma divinal achado
Mulher etherea, que em meos sonhos vi.

Não eras anjo, reconheço agora,
Bem que qual anjo te adorasse então;
Mulher tu eras, divinal embora,
Cumprir devêras infernal missão.

Adeos ! No peito si um vestigio achares
De amor ao vate, dos protestos teos,
Risca-os, donzella, para o peito dares
P'ra sempre puro . . . sim, p'ra sempre. Adeos.

FOI AQUI.

Foi aqui que juncto d'ella,
A vez primeira que a vi,
De amores eu me perdi
Pela minha doce Anella.

Aqui juncto ao pardieiro
Eu a vi triste e sosinha
Ao som da lympha visinha,
Que mana d'aquelle outeiro.

Aqui foi, oh cruel dôr !
Que sentei-me ao lado d'ella,
Aqui foi que minha Anella
Suspirou, gemeo de amor.

Ambos nós aqui sosinhos,
Ella terna me sorria,
Quando o sol já se escondia
Traz dos outeiros visinhos.

Sim, ai! sim, n'este logar
Meos labios toquei nos seos,
Não da terra, sim dos céos
Mil bens aqui vim gozar.

Quanto vi ao lado d'ella
Existe, e sómente agora,
Ai de mim! qual vi outr'ora
Aqui não vejo a donzella!

O BARDO.

El poeta en su mición
Sobre la tierra que habita
Es una planta maldita
Con frutos de bendicion.

ZORRILLA.

I.

De ha muito adorava o bardo
Formosa, casta donzella
Tão risonha como as flores,
Como as flores tão singella.

De amor o triste abrasado
Calava a funda paixão,
Sem que ao menos á bella
Abrisse o seo coração.

Temia o bardo infeliz
Mais que o odio de um rival
Entregar seo brando peito
Do amor á chamma fatal.

Longo tempo em crua guerra
Lutou com seo coração,
Temendo não succumbisse
A' vehemencia da paixão.

Em balde: dentro em seo peito
Bem fundo minava amor;
Si algum estorvo lhe oppunha,
Mais lhe assanhava o furor.

Calado, soffre o martyrio,
Sem um gemido arrancar;
Sequer um tenue suspiro
Ninguem lhe ouvira escapar.

Mas logo que a noite escura
Seo negro véo desdobrava
Era quando o triste bardo
Da bella os lares buscava.

Triste quem bem contemplasse
Lhe vira o murcho semblante;
Só por comprazer sorria
Quando juncto a sua amante.

Profundo mysterio havia
Do bardo na escura historia;
Mas quem sabe?... ha casos tantos
N'esta vida transitoria. . .

Como quer que seja o bardo
Occultava o seo viver,
E ninguem podéra ao certo
Sobre elle nada dizer.

II.

Era noite de trevas mui densas,
Tudo em fundo repouso jazia,
Só do mar, embatendo nas fragas,
Surdamente o rugido se ouvia.

Meia noite soára inda ha pouco
No relógio de antigo mosteiro,

Acordando da noite o repouso,
Té o echo dormir derradeiro;

Quando um bardo assentado sósinho
Sobre as fragas na praia do mar,
Com a fronte pendida e tristonha
Engolfado era em longo scismar.

Bem depressa se ergueo pressuroso,
Deu dous passos, e em pé se ficou,
E depois, tendo o mar contemplado,
D'esta forma a fallar começou:

« Amo, sim, quanto é dado ao poeta
« N'esta vida fallaz ter amor ;
« Amo muito; mas, ah ! da donzella
« Quanto pude occultei minha dôr.

« Pobre bardo nasci sem ventura,
« Para males sem conta soffrer ;
« Dês que á luz eu fui dado até hoje
« Não provei um só dia o prazer.

« Hoje ainda no viço da idade
« Já a taça esgotei do amargor,

« Hoje apenas no mundo me resta
« Cortir penas, saudades e dôr.

« Que me serve o viver? já bem longa
« Não tem sido, e de tanto penar
« Minha vida, que, apenas na aurora,
« Já pendente começa a murchar.

« Morre, pois, com firmeza e constancia,
« Sem um ai, trovador infeliz,
« Nestes mares sepulta a existencia,
« Que teo fado cruel assim quiz!

Isto disse, e, correndo apressado,
Entre as fragas veloz se occultou;
Qual de um corpo tombando nas aguas
Logo após um ruido seou.

III.

E' fama que uma donzella,
Em noite de almo luar,
Chorosa foi assentar-se
Sósinha á beira do mar.

Trajava brancos vestidos,
Que o brando vento agitava,
Seos negros, longos cabellos
Ao desdem, soltos deixava.

Bem depressa á praia chega
Do alto mar um pescador,
Que no semblante estampada
Trazia profunda dôr.

E, depois que sobre a margem
Seo batel preso deixou,
A' donzella, que alli estava
D'esta maneira fallou :

« Não choras em vão, donzella,
« O teu destino infeliz;
« Que o teu amor desfolhou-se
« O meu semblante t'ô diz.

« Depois que as ordens me deste,
« Embarquei, me fiz ao mar,
« Dous dias e noites duas
« Não cessei de pesquisar.

« Emfim lasso, emfim cansado
« Saltei em deserta praia,
« Onde, preso o meo batel,
« Repousar meo peito ensaia ;

« Quando vi chegar-se a mim
« Curvado, velho pastor,
« O qual contou-me que ouvira
« Referir um pescador,

« Que d'essa praia mui perto
« N'um logar, em que se achou,
« Por acaso sobre a arêa
« Um cadaver encontrou ;

« E que antes de dál-o á terra
« Do seio cahio-lhe então
« Uma trova tão sentida,
« Que cortava o coração.

« Que bardo ter elle sido
« Mais que muito era provado,
« Não só pelos tristes versos,
« Mas pelo epitaphio achado,

« O qual o bom pescador,
« O tendo enterrado em fim,
« Gravoulh'o na sepultura,
« Onde elle se lê assim :

« Aqui jaz cinza fria e calada
« Quem, ha pouco infeliz trovador,
« Dedilhava nas cordas da lyra,
« Recontando suas penas e dor.

« Condemnado a viver longe d'essa
« Por quem n'alma sentia paixão,
« Não quiz triste viver mais no mundo,
« Onde esp'ranças nutrio sempre em vão.

Aqui um ai a donzella
Do afflicto peito arrancou,
E sobre a praia arenosa
Sem vida o corpo arrojou.

A SEGE MYSTERIOSA.

Les apparitions ne sont pas choses neuves.

H. STUPUY.

Quando alta noite tudo em fim já dorme,
E as ermas ruas ninguém mais povôa,
Rodar estranho de nocturna sege
Da noite os echos acordando, sôa.

A pouco e pouco já mais perto roda
Com som sinistro, que vos faz pavor,
Desertas ruas já veloz percorre,
Já lentamente com feral fragor.

Mas d'onde vem? para onde vai? Silencio!
Ha hi mysterio, que não ha sondar,
Porquanto é fama que de sexta-feira
Sómente as noites a ouvireis rodar!

Apenas diz-se que mulher formosa
De alvas roupagens a dirige, e guia,
Cujo semblante, ao que parece, encerra
Belleza estranha, singular magia.

Mas que, com quanto mui formosa seja,
Seo todo inspira glacial terror,
E quem de frente temerario a fita,
De chofre estaca a retremer de horror!

Que os feros brutos, que a parelha formão
São negros ambos, e no ardor iguaes;
Das ventas, e olhos despedindo chammas,
Não correm, voão, sem cançar jamais;

Que só nas noites, em que densas trevas
A terra cobrem de sombrio véo
Surge a visão, que ninguem vê, si a lua
A face mostra no azulado céu;

Que quanto ao mais, tudo é mysterio ainda,
O qual té agora não sondou ninguém,
Sendo alta noite quando tudo dorme
Que surge o carro mysterioso alem.

Vós, que a deshoras pelas ermas ruas,
Por entre as trevas solitario andaes,
Si ao longe ouvirdes um rodar soturno,
Silencio ! é ella—nem um passo mais !

BESOURO NEGRO.

I.

D'entre as ruínas antigas
De solitaria tapera,
Que espessa selva circunda,
E onde ora o terror impera;

Onde bastas moitas crescem,
E a viçosa trepadeira
Do tecto se dependura,
E se abraça á cumieira;

Onde ora é tudo silencio,
Solidão, horror, tristura,
E os echos sómente acordão
As aves da noite escura;

Surgira cheia de vida
Nova, linda habitação,
Que abriga a honesta familia
De activo, honrado ancião.

Mas essa mansão tão linda
Olhada, e vista por fora
Occulta dentro um mysterio,
Que ninguem sondou té agora.

E' fama que a vez primeira
Que gente ali pernoitou,
Alta noite ouvio-se um ruido,
Que a toda a casa acordou;

Que cada qual escutando,
Ouvio-se com gran' pavor
Que mui perto resoava
Medonho, rouco estridor;

Que depois foi sempre ouvido
Da meia noite ao bater,
Assombrando a gente toda,
Que o ouve sempre a tremer;

Que ha muito já se não dorme
N'aquella infeliz mansão,
Cada qual passando as horas
Em cruel tribulação.

Ninguem a indagar se atreve
Qual seja a causa, o motor
D'aquelle nocturno arruído;
Tal é o medo, o terror !

Muitas noites são passadas
N'aquelle acerbo velar,
Sempre ouvindo-se a deshoras
Esse mesmo sussurrar.

Com pezar já se fallava
De abandonar o casal,
Que outro meio se não via
De sanar tamanho mal.

Meia noite ha pouco déra,
Muda jaz a terra então,
E' escura, e fria a noite,
Ao longe brame o trovão.

Em de redor de uma mesa,
Sobre a qual jaz uma cruz,
D'onde em torno uma só vela
Esparge sinistra luz,

Toda a familia assentada
Que faz do illustre ancião?
E esse velho sacerdote,
E a seo lado o sachristão?

—Ouves?—disse o afflicto velho
Cheio de assombro, aterrado
Ao ministro venerando,
Que tinha junto a seo lado.

E logo no mesmo instante
Ouvio-se um forte estridor,

Ruido feio e medonho,
Que a todos encheo de horror.

Não assim ao sacerdote,
Que com o hyssope na mão,
Firme, em pé, desassombrado,
Não mostrou perturbação.

Eis que subito se mostra
Medonho, enorme besouro
Negro, escuro, em tudo estranho
Como um phantasma, um agouro;

E depois que, sussurrando,
Pela casa esvoaçou,
Ao roçar por juncto a vela,
De chofre a luz apagou.

—Abrenuncio!—clama o padre,
Eu te esconjuro, maldito,
Em nome de Deos eterno,
Omnipotente, infinito!

E logo no mesmo instante
Um forte, horrendo estampido,

Atroando a casa e os ares,
Foi por toda a gente ouvido,

E um fogo escuro, azulado
Pelos ares lampejou,
E de enxofre um cheiro activo
Logo em torno se espalhou.

Assombrados ficão todos
Do caso estranho, inaudito;
Porêm breve o prazer volve,
Que foi extremo, infinito.

Foi-se o padre, e toda a gente
Poude a final repousar,
Sem que uma sombra, um ruido
Viesse alguém despertar.

D'aquella noite em diante
Nenhum rumor mais se ouviu,
E da casa a gente toda
Placidamente dormio.

III.

D'essa medonha tapera
Quem seria o habitador?

Morrêra impio, blasphemo,
Ou na graça do Senhor ?

Quem sabe ? no escuro olvido
Sepultou-se a historia d'ella;
Do que fôra um só vestigio
Aos homens não se revela.

Só diz-se, porêm sem base,
Que alli um cruel senhor
Milhar de escravos matára
Sem piedade, e a seu sabor;

E que, de negro remorso,
E visões atormentado,
Fugira os lares, deixando
Seo casal abandonado;

Que depois um caminheiro,
Que acaso lá se abrigou,
Taes cousas vio, que, assombrado,
Sem repousar, se ausentou.

Quanto ao mais, em densas trevas
Vai no passado abysmar-se,
Sem que um signal, um vestigio
Venha aos homens revelar-se.

O AMOR.

Amor, é falso o que dizes;
Teo semblante é contrafeito;
Tenta novos infelizes;
Que eu inda trago no peito
Mui frescas as cicatrizes.

NICOLAO TOLENTINO.

Ha quem te louve, amor, ha quem procure
Da existencia fazer-te o lenitivo;
Mas, ah! que assim não pensa o que captivo
Arrasta sem regresso os teos grilhões.
O inexperto, que cahe nas garras tuas,
Qual abutre voraz tu dilaceras,
Alem dos sonhos teos serem chimeras,
Os teos gosos crueis decepções,

Ha quem te chame bemfazejo nune,
Que abranda, que amenisa animos feros;
Mas os teos meios nimiamente austeros
Dos homens á mór parte são fataes.
Quem sentio teos rigores, que com magoa
Não lamente os estragos, que deixaste,
As gratas illusões, que desfolhaste
Ao sopro de teos negros vendavaes?

Da vida a melhor parte a teos furores
Louco entreguei; me dissipaste os amos,
Dando-me em troca frios desenganos,
E em vez de uma só dita acerba dôr.
E eu cria em ti, porque através de um prisma
Inda inexperto o mundo eu divisava,
Nem eu descreia então, inda sonhava,
E no peito sentia estranho ardor.

Paixão nefanda, que a existencia murcha
Qual suão myrrador a humilde hervinha,
Bramindo arrebataste a dita minha
Qual o alento da victima o algoz;
Nos desenganos frios, que deixaste
Eu te devo, porém, o correctivo
Contra o veneno teo violento, activo,
Com que empeçonhas truculento, atroz.

Si um bem tu fazes, males mil procuras;
 Tu es da humanidade o mór verdugo;
 Feliz o que jamais soffreo teo jugo
 Qual nenhum outro aos corações fatal.
 Eu não quero os teos bens, dá-os a outrem,
 Ateares-te em mim nem é possível;
 Consumiste bem cedo o combustivel
 No teo incendio turbido, infernal.

De todas as paixões es a mais torpe,
 Approximas do bruto a humanidade,
 Apagas a razão, e á iniquidade
 A tua victima arrastas com furor:
 O incesto, o homicidio, o roubo, a fraude,
 E outras culpas gravissimas e cruas
 São certamente consequencias tuas,
 São obras de tua lavra, insano amor!

Em mim fartaste assaz teo sevo instincto,
 Ludibrio teo ja fui, paixão nefanda,
 (Si bem que aquella vida miseranda
 Nada foi p'ra fartar-te a fome edaz).
 Tudo que a ti fiei vejo perdido
 No pó das illusões do meo passado;
 Amor, de ti estou mais que escarmentado,
 Já não me illudes, te conheço assaz.

Mil mancebos ha hi para entregar-te
Alma e corpo: eia sus! trava-os com gana,
Que para te cevar a furia insana
São idoneos, tem viço, tem frescor:
O que em mim tu fizeste, n'elles faze;
Deixa-me em paz viver, que é curta a vida
Para um brevre prazer, porém comprida
Para tormentos, lagrymas, e dôr.

Tenho frio e gelado o peito agora
Para temer o teo tyranno jugo,
Inda dos olhos meos o pranto enxugo,
Que me fizeste em vão desperdiçar.
Como temer-te eu posso, amor insano,
Si do rol dos teos servos fui riscado?
Ou antes por ferido, e estropeado
Com custo ao teo rigor pude escapar?

Eu te abomino dentro do meo peito,
Não te quero hoje ver senão pintado,
Arco, e frechas na mão, nu, e alado,
Venda aos olhos, ás costas o carcaz:
Só assim posso olhar-te, e não temer-te,
E até mesmo de ti rir, e apódar-te,
Que tenho para os tiros malograr-te
O gelo de meo peito, o riso audaz.

Mil vezes mais que tu vale o brilhante,
Loiro metal, que as almas enamora:
A elle, só a elle, amor, agora
Alma e corpo contente quero dar.
Inda ninguém sê arrependeo de amal-o
Com ancia, com furor, com chamma pura,
Porque a todos tem pago, e com ternura,
O que o tem feito assaz acreditar.

Es o contrario, amor; inda precisas
De credito, e dinheiro no mercado;
Tão cedo não serás acreditado,
Pois te fallece a idade, inda es menor.
Viva, pois, o deos loiro teo contrario,
Cujo tenido as almas extasia!
Elle tem sobre ti a primasia,
E eu somente ao poder sei dar louvor.

Palacios magnificos cercados
De risonhos jardins, aurea baixella,
Fino brocado, recamada tela,
Carros, parelhas de árdegos corceis,
Pagens bordados, sumptuosas salas,
D'onde transpirão magicos cantares,
Lisongeiros, opiparos manjares
Dá o deos loiro aos que lhe são fieis.

Dize-me agora, amor, quaes são teos dons?
 Que auxilio dás ao que te pede abrigo?
 Eu podéra dizer-t'o, que commigo
 Foste sobejamente liberal.
 Eu t'os quero dizer; escuta e treme:
 Exprobrando-te os perfidos favores,
 Vingança tirarei de teos furores,
 De teo riso satânico, infernal.

Queixas, suspiros, lagrymas, gemidos,
 Ciume abrasador, inferno d'alma,
 Deleixo, esp'ranças vans, que, não com calma,
 Mas com delirios, nutre o amador,
 Uma choça, em que ha muita poesia,
 Muito ar, muito espaço, e pouco mais;
 Cujo concerto são doridos ais,
 Cujo alimento lagrimas e dôr !

São estes os teos dons, amor nefando,
 Estes os premios, que das mãos te sahem,
 Que a todos esses, que em tuas garras cahem,
 Munificente, liberal tu dás:
 Iguaes cruezas mereceo-te Tasso,
 O insigne Camões assim trataste,
 E outros muitos heroes, de quem zombaste,
 Porque sua dita te fiarão assaz.

O braço armaste do feroz Othelo,
 Quando ao crime arrojou-se hallucinado,
 Si ao suicidio atroz foi arrastado,
 A ti deveo-t'o Werther infeliz;
 De Heloïse e de Abélard foste o verdugo,
 E esse, que em Trafalgar vence, extermina,
 Não te pode vencer, não foge á sina,
 Curva-se ao jugo teo, dobra a cerviz!

Bem raro é o que de ti queixas não tenha,
 Feliz o que evitou ferezas tuas,
 São tuas leis tão barbaras, tão cruas,
 Quaes não dictou Dionysio, ou Tamerlan.
 Entretanto ha quem louve os teos furores,
 Quem os feitos te cante, e divinise
 Teo malefico ser, e só divise
 Um bem que faças, cousa embora van.

Podes, eu sei, regenerar mulheres,
 Trazel-as ao pudor, á nova vida,
 Bem como a egypcia meretriz¹ descrida
 Poude o remorso, a compuncção, a dôr;
 Podes um fraco converter n'um bravo,
 Pode Alcide humilhar-se aos pés d'Iole,

1 Maria Egypciaca.

Levantar Artemisa a immensa mole,
Succumbir Margarida¹ ao sancto amor.

Quanto irrisorio fôr, atroz, ou grave
Podes fazer, amor, não te crimino;
Careces de razão, inda es menino,
Precipitado, ás tontas has de obrar:
Mas eu, que de cordato hoje blasono,
Não temo teos ardis, nem te conjuro;
Não me fará no peito um leve furo
A setta, que teo braço arremessar.

- Basta, já agora te julguei vencido
Na lucta, que encetei audaz e louco,
Quando o futuro se me deo bem pouco
De n'um lance contigo aventurar:
Tinhas poder, venceste em mil recontros,
E mais feroz que um barbaro Argelino,
Pisaste as leis da guerra, amor ferino,
De um *Paraguay* vil pondo-te a par !

Mentira para mim já são teos sonhos,
Mentira são teos gozos transitorios,

1 Margarida Gautier, ou Dama das Camélias.

Os teos tormentos males irrisorios,
Que evitára prudente o amador:
Logo si contra mim sem tino ousares,
Lamurias não farei, como é de usança:
—Obstinada, estolida criança,
Basta pôr-te na alheta um bom tutor.

ALCANTARA.

Meia noite bateo ; do bronze o ruído,
Da solidão os echos acordando,
A pouco e pouco confundio-se ao longe
Das vagas co'o rugir ; o céu nublado
Da lua a face pallida encobria,
A qual apenas um clarão soturno
D'entre nuvens diaphanas mandava
As trevas espancar ; nem uma estrella
No firmamento tremula sorria ;
Tudo era solidão. Eu melancolico,
Oppresso o peito de indisivel magoa,
Fui as praias do mar ermas, desertas

Afflicto demandar da derrocada,
Tão opulenta outr'ora, e grata Alcantara.
Sobre uma duna me assentei tristonho,
E a vista deixei ir por sobre os mares.
Aragem branda, que agitava as relvas
Veio afagar-me em torno ciciando ;
Da albufeira na marge alcyon saudoso
De quando em quando um flebile suspiro
Triste enviava da nocturna briza
Nas azas sonorasas. Quanto é triste
Ao pallido clarão de luar de inverno,
Entre montões de derrocados muros
Ir passadas grandezas contemplar !
Vêr de arqueados, denegridos porticos
Do tempo pela mão, dependurando-se
Emmaranhadas, verdejantes hervas,
Que agita ao perpassar nocturna briza !
Negras ossadas de soberbos predios,
Onde o musgo verdeja, a ortiga impera
Impune, porventura em chão, que outr'or:
A açucena, o jasmim, o lirio, as rosas
Difundirão de noite os seos perfumes !
Ouvir do pescador canção monotona,
Que co'o gemer da aragem nos arbustos
A nenia entoia do finado á campá !

Assim tu es, Alcantara: em tuas praças
Outr'ora estreitas para immenso povo,

Qñe n'ellas ledó e farto se apinhava,
 Rugindo sedas, que da Europa em cambio
 Dos fructos do teo solo então nos vinhão,
 Ora desertas, reptis as cruzão
 Por entre bastas moitas bem medradas
 De verde matto, que a indolencia ampara.
 Teos denegridos templos ermão tristes
 Bem diff'rentes de outr'ora, e alguns por terra
 Desmoronados jazem, alto bradando
 Contra insano governo, que só cura
 De em vão centralizar, e impor tributos
 Para engordar inuteis funcionarios
 Do agricultor a custa, que da terra
 Troca o suor da fronte pelos fructos;
 Do activo commerciante, que, arriscando
 Immenso cabedal, mil vezes paga
 Caro a ousadia; do mesquinho artista,
 Cujá existencia em toda a parte é dura !

Sim, teos templos denegridos ermão,
 E outros por terra jazem escondrijos
 De immundos reptis. Quem se ha sentado
 Uma só vèz nas ermas praias tuas
 Sobre uma pedra, d'onde a sós contemple
 Calado, e a espaço teo aspecto lugubre,
 Que o que eu senti, mil vezes não sentisse?
 Não contemplei grandezas de Palmyra

No pó da terra envoltas, dispersadas,
Nem no lugar, que Babylonia fôra
Nenhuns vestígios procurei ancioso
Do outr'ora immenso, altivo poderio;
Mas vi, mas contemplei mudo, saudoso
Restos do que já foi mortos, dispersos,
Restos que a mão do tempo inda ha poupado
Na eterna fome, com que a tudo traga.
Não vi por terra capiteis de marmore,
Maineis rendados, fustes, laçarias,
Onde do genio a mão visse estampada
Na fria pedra, que roêra o tempo;
Mas vi, mas contemplei da patria minha,
N'esse montão de ruina, a decadencia
Rapida, prematura, e os olhos meos,
Como não sei, de lagrymas se encherão.

Tudo assim vai, dizia a sós commigo,
Tudo assim vai na rica patria minha,
Cujas riquezas naturaes são tantas,
Que de alem-mar, em alterosas quilhas,
Avido attrahe de Albion o filho avaro,
A quem não farta o ouro do universo,
Para roubar o qual mantem constante
Nos mares do orbe poderosa armada.
Sim, cada dia no porvir diviso
De minha patria a decadencia extrema,

Porque assim quer corrupta, eivada côrte,
 Que ao Norte impõe só levas e tributos,
 O qual, votado a perennal desprezo,
 Peores males lhe ha causado agora,
 Quaes arrastando de colonia os ferros,
 Nunca o ferrenho, extinto despotismo!

Eia! filhos do norte, a empresa é grande;
 Sacudi de colonia o jugo odioso¹,
 Vós, que, ao grito geral de independencia,
 O vosso brado unistes denodados,
 Mostrando ao mundo, que atroava a guerra,
 Que sabieis tambem, brandindo a espada,
 Romper os ferros, não rugir escravos!
 Livres cantastes da victoria os hymnos,
 Que, do rico Amazona ao Prata ingente,
 Formidaveis, tremendos reboarão:
 Livres sois hoje, e covardia é vossa,
 Si, em menospreço do espargido sangue
 Servos gemeis de bestiaes tyrannos.
 A plaga de Cabral jugo não soffre,
 Que lhe dobre a cerviz; o novo mundo
 É livre todo, e não supporta altivo
 C'roadas testas da corrupta Europa.
 Ruge indomito o Mexico inda agora,

1 Vide a nota no fim.

Mas da cratera a lava ha de bem cedo
 Com fatal explosão sahir bramando,
 E n'um dia abrasar, na afflicta plaga,
 Coroas, sceptros, ferros, e tyrannos.
 Então de França o despota sanhudo,
 No novo mundo escarmentado um dia,
 Saberá que este nobre continente
 De aventureiros vis não quer a raça,
 Embora os cinjão purpuras e c'roas.
 Bem que manchado com prisões e mortes,
 Com cabeças a premio, tenha a America
 Seo brilhante triumpho, a paz é vinda:
 Da União a igualdade a estulta audacia
 Ha de em breve punir, a planta exotica,
 Da Europa ao solo nosso transplantada,
 Com ferreas mãos phrenetica extirpando.
 Tu despota francez, has de em teo throno
 De sanha então rugir, sanha impotente,
 Porque o Mexico livre ha de provar-te
 Que, si na Europa es despota, es temido,
 Da liberdade a terra—o mundo novo—
 De teo poder impavida zombando,
 Ha de rir-se de ti, ó dos arcanos
 Da Providencia ridiculo enviado.
 O sec'lo que te soffre, é o da descrença
 Para um nume te crer: es um tyranno,
 Aventureiro vil, despota ousado;

O throno deves á trahição, á astucia,
E ao apanagio do malvado—a audacia!

.....
.....
.....
.....

Uma hora soou. Inda assentado
Sobre a duna arenosa eu persistia;
Calára o vento, o mar surdo rugia,
E a lua triste d'entre pardas nuvens
Clarão tibio espargindo, a pouco e pouco
Descambava p'ra o mar, que reflectia
Sua frouxa luz em tremulo rastilho;
Fóra o do mar nenhum rumor se ouvia.
Triste, bem triste alli fora assentar-me,
No peito aguda dôr cortindo afflicto,
Intima dor, que os seios d'alma punge,
Da qual o mundo ri, que a desconhece.
Em vez de lenitivo achei tristura,
Que o mal me exacerbou, o pranto aos olhos
Chamou-me a par da maldição aos labios.
Mais uma hora contemplei calado
Da torpe corrupção a obra infanda
Nos ermos tristes, no derranco escuro,
Que a toda parte ante meos olhos via;

Ermos quaes os d'esta alma, onde morrerão
 Jubilo e crença, e para sempre resta
 Funda, amarga saudade, a qual sosinho,
 Às horas mortas me levou pungido
 Às mudas, ermas e desertas praias
 Da derrocada e semi-morta Alcantara.
 Lagrymas, queixas, orações, nem preces
 Nada ha mais mitigar a dôr, que fica
 No resiccado coração gravada
 D'aquelle, que, no peito extincta a esp'rança,
 Vio desabar n'um dia a dita sua,
 Sombra, chimera, fumo, nada embora,
 Com que sonhára em annos de ventura.
 Já do absintho o calice esgotado
 Até as fezes foi: hoje o que resta?
 Existencia talvez peor que a morte;
 Que d'alma as flores uma vez murchadas,
 Jamais reviverão, chova-lhe embora
 Por sobre a murchidão celeste orvalho:
 É do passado pó, que se dissipa
 Ao sopro myrrador de atroz verdade.

.....

A UMA DONZELLA, QUE PEDIA A MORTE.

Não chames, Délia, não chames
A morte em auxilio teo;
Deixa-a vir, sómente, deixa
Dar cabo ao destino meo.

Tu, no jardim da existencia
Gentil, pudibunda flôr,
Em mil corações imperas
Mediante um casto amor.

Cinges na fronte uma c'roa;
(Rainha fez-te a natura)
Empunhas um sceptro d'ouro
No reino da formosura.

Inda tão joven, tão bella,
Não queiras mal a existencia;
Vidas mil sàbe que arrancas
Da morte co'a dura ausencia.

Deixa eu, victima triste
Do fado, errante e sem norte,
Buscar, nàs angustias d'alma,
Meo lenitivo na morte.

Não chames, Délia, não chames
A morte em auxilio teo;
Deixa-a vir sómente, deixa
Dar cabo, ao destino meo¹.

1 Vide a nota no fim.

EU AMO A NOITE.

Porque te havia eu de amar, oh sol,
se tu és o inimigo dos sonhos do
imaginar; se tu nos chamas á rea-
lidade, e a realidade é tão triste

A. HERCULANO.

Cada vez amo mais, ó noite amiga,
Teo silencio, tua negra escuridade
Propicios a esta dôr, a esta saudade,
Que me aperta, e tortura o coração:
Quando o manto desdobras sobre a terra
Da nocturna orvalhada humedecido,
De magoas, de pezar desopprimido
Folga meo peito aqui n'esta prisão.

Livre percorre então meo pensamento
Ignotas plagas, regiões amenas,

Desce aos abysmos, e contempla scenas
 Ao mundo estranhas no mysterio seo;
 Porque no lodo immundo chafurdado
 Vive o verme mesquinho, e jamais cura
 Fóra do sujo pó de outra ventura,
 Que de magias ha n'um puro céu.

E o verme crê-se Deos no seo orgulho
 Tão irrosorio quão mesquinho e triste,
 Deslebrado de que se agora existe,
 Amanhan, hoje mesmo é nada, é pó.
 E o gusano do lodo ergue a cabeça,
 E crê-se grande, e a pequenez olvida,
 E desconhece a mão, que jaz erguida
 Sobre si, porque Deos d'elle tem dó !

Uma vez era noite, e eu só velava
 Juncto ás rejas do ergastulo¹, que habito,
 Contemplando dos céos esse infinito
 Quando tudo é silencio, e escuridão:
 No firmamento escuro scintillava
 Uma estrella tão maga, e tão brilhante
 Que, ao contemplal-a fito um só instante,
 Senti no peito meo doce expansão.

¹ Achava-me então preso e processado.

Acaso interroguei-a ? nada lembra-me;
 E se o fiz, esqueci: só sei que a vida
 Outra era que não essa vivida
 Entre gozos, delirios, e entre amor.
 Respirava uma briza tão fragrante,
 De harmonias do céu tão repassada
 Que minha alma até alli desconfortada
 Novo alento cobrou, novo calor.

E era noite, e eu sósinho então velava.
 No meo peito sentia uma saudade
 Indisivel, tão grata, que, em verdade,
 Outra igual em meos dias não senti:
 Indefinido, mystico, celeste
 Era em meo peito esse sentir estranho;
 Era o arroubo em que me achei tamanho
 Que não sei os instantes, que vivi.

Doce recordação de ignotas plagas,
 Que jamais habitei, plagas amenas,
 Descoradas imagens, de que apenas
 Grata reminiscencia resta já,
 Auras suaves agitando as flores
 De virentes jardins, onde serpeão
 Crystallinos regatos, que sombreão
 Folhudos myrtos quaes não vi, nem ha.

Saudade era essa tal que não doia
 Qual sohe doer a do infeliz amante,
 Que, do objecto da paixão distante,
 A existencia phrenetico maldiz;
 Pois que eu sentia ô peito meo abrir-se
 Ao sentimento vago, indefinido,
 E de loucas paixões desopprimido,
 Aspirar a existencia mais feliz.

E era noite, e eu sosinho então velava
 Do silencio no meio, inda abysmado
 No mystico sonhar, bem que acordado
 Juncto ás rexas da lugubre prisão:
 Ia a noite bem alta, e muda, e triste
 Nas horas em que ha medos e demonios,
 E em cada moita simplicis camponios
 Crêem ver uma larva, uma visão.

Vinha a lua assomando avermelhada
 Em um turvo horizonte, e diffundia
 Tibio, frouxo clarão, que apenas ia
 As trevas espancando, o vão terror;
 Gemia a viração nas frias rexas
 Ao molle perpassar, e eu já carpia
 A ventura, que rapida fugia
 D'aquelle meo sentir, d'aquelle amor.

DELIRIO.

Donde estoy? Tal vez bajé
A la mansion del espanto,
Tal vez yo mismo creé
Tenta vision sueno tanto,
Que donde estoy ya no sé.

ESPRONCEDA.

Os sons escuto de uma flauta ao longe
Lugubres, tristes quaes gemidos d'alma...
Que escuras notas! que trinadas queixas!
E a noite é turva, e é profunda a calma.

Não posso ouvil-os, que me são tormentos,
Bastão os d'est'alma, onde geme a dôr...
Calou a flauta... Ah! que luz funèrea
Esparge a vela!... que soturna côr!...

Vai alta a noite; já ninguém mais vela;
Só vela o triste... ai! só velo eu...
Silencio! as notas de um dorido canto
Oíço, e pungir-me vem o peito meo.

Ah! nem a noite com seo negro manto
O abrigo dá-me, que procuro em vão;
Agora mesmo me torturão magoas,
Doridas notas n'esta solidão!...

É triste, é triste, inda na flôr da vida,
Despido o peito d'illusões sentir;
De aureo passado, que sorrira ha pouco,
Crenças, esp'ranças, illusões carpir!

É triste, é triste não sentir no peito,
Já deseccado, uma esperança só,
As flôres d'alma contemplar já murchas
Seccas, dispersas a rojar no pó!

Oh! este canto!... Si eu pudesse agora,
Ai! não o ouvira: como é triste e feio!
Da morte o canto, si cantasse a morte,
Tão mesto fôra já da noite em meio.

Mulher, que cantas, por piedade basta;
 Teo canto é triste como nenia escura;
 São negras notas de feral memento,
 Adeos de morte juncto a sepultura.

Não vês que a noite já vai alta, e triste
 Esparge a lua amortecida luz?
 Que geme a briza? que vozeia o mocho
 No topo erguido de isolada cruz?...

Que guincho agúdo!... E' do mocho tetrico,
 Que ora vagueia, que aborrece o dia...
 O dia é ermo mais que a noite; ao menos
 Offrece a noite singular magia...

Oiço um ruido!... perto já!... Quem é?...
 Ninguém responde... Que diviso, céos!
 Branco phantasma approximar-se eu vejo!...
 Arrasta o manto!... oiço os passos seos!...

Já perto o vejo!... Quem es tu?... Oh! vai-te...
 Qual subtil fumo evaporou-se. Nada,
 Mais nada vejo; foi-se a visão torva
 No meo delirio talvez só forjada.

Inda na mente debuxada a vejo:
Como era horrenda essa visão cruel !
Correr o pranto inda lhe vi dos olhos,
Nos quaes da ira ressumbrava o fel.

Que longa noite ! A viração é fria
Que me enregela; sinto febre ardente...
Ah ! são tão longas de quem vela as horas,
Quão breves forão as que vivi contente !

Quanto é suave na manhan da vida
Dentro no peito sentir doce amor !
Viver de esp'rança, d'illusões infindas,
Sem ver murchada da existencia a flôr !

Si do passado as murchecidas flôres
Podessem acaso reviver n'um'hora,
E os aureos dias, que vivi sonhando
Do pó, do nada resurgissem agora...

Que digo ? ai louco !... Oh ! a treva é longa
Em que se abysmão... não verei jamais...
Da sepultura não revivem as rosas,
Regue-as o pranto, ou as evoquem ais !

Oiço ora um canto, que me traz a briza:
 Como é suave!... Esta voz conheço!...
 Oh! sim, é ella... Já folguei de ouvir-te,
 Magica voz, e de te ouvir careço.

Que voz tão doce! que mellifluo canto!
 Inda te escuto, divinal cantor?
 Inda nas noites de luar sereno,
 Cantar, qual d'antes, vens teo doce amor?

Teos magos sons pelos cançados membros
 O somno infiltraõ, vem causar torpor:
 Ai! já meo peito desoppresso folga....
 Ai! canta, canta, divinal cantor.

Chega-me o somno pouco a pouco; a vela
 Esparge triste, amortecida luz;
 É alta noite, quasi tudo dorme,
 Só pia o mocho na isolada cruz.

.....

QUANDO EU MORRER.

Ay ! cuán terrible condicion me aqueja
Para llorar, y maldecir nacido,
Vítima yo de mi fatal deseo,
Que cumplirse jamás mis ansias veo !

ESPRONCEDA.

Quando eu morrer, a meo cadaver frio
Ninguém de pranto e ais dê o tributo,
Nem quizéra tambem juncto a meo leito
Um vestigio sequer de magoa e lucto.

Si houve no mundo um coração piedoso,
Que me amasse com amor constante e fido,
Não derrame uma lagryma em meo peito,
Não desprenda um queixume, um só gemido.

A vida para mim foi de torturas
Uma serie sem fim, foi sonho horrivel,
Donde eu um dia despertei em trevas
Inerte, mudo, gelido, insensivel.

Nunca tive na vida uma ventura,
Nunca aspirei a gozo, que alcançasse,
Nunca tive um prazer exiguo e breve,
Sem negra agitação, que o conturbasse.

Os meos sonhos de amor vi dissipados
Da realidade á luz feia e sombria,
Indo após o phantasma da ventura
Na carreira em que rapido fugia.

Da virgem, que eu amei com amor tão sancto,
É já myrrada a virginal capella,
E do pó do passado erguer-se eu vejo
Descorada, saudosa a imagem d'ella.

Adormecido n'um jardim de Armida
Entre gozos, aromas, entre flores,
Eis que, acordando, vi quebrado o encanto,
O vacuo da existencia, os seos horrores.

Quando eu morrer a meo cadaver frio
Ninguem de pranto e ais dê o tributo,
Nem eu quero tambem juncto a meo leito
Um vestigio sequer de magoa e lucto.

O MEO PUNHAL.

Dicen que todo al fin se desvanece,
Todo passa, se olvida, pierde, ó borra...
Soy infeliz?—No sé.—Mas vivo triste,
Y un torcedor arrastro en mi memoria.

ZORRILLA.

Nem um amigo, um só amor na terra
Não me resta sequer?... Mas o que val
N'este mundo o teo brilho deslumbrante,
Que amo mais do que tudo, ó meo punhal?

Às horas mortas, ao clarão da lua,
Te vejo mais que nunca hoje brilhar;
É teo brilho um luzeiro de esperança,
É da morte um sorriso a deslisar.

A morte tambem ri (triste alegria!
Disse Byron) mas ai! que o seo sorriso
Não é o da mulher, que desprendido,
Nos mette dentro d'alma um paraíso;

E depois quanto ha mais lugubre e tetrico
No barathro infernal; a morte ao menos
Quando ri-se, é mais franca, e só promette
Do sepulchro na paz dias serenos.

Eu soffro em quanto quero esses da vida
Vaivens crueis, ó meo fiel punhal;
Tenho-te ao lado meo, para que tema
Os lentos golpes de insanavel mal.

Que val a vida a quem não crê, nem ama,
Quando o peito é gelado, a razão fria,
E nos abysmos d'alma já não brota
Uma esperança só, uma alegria?

Si uma esp'rança me resta, és tu sómente,
Meo buido punhal; contigo ao lado
Da vida o tedio, que a existencia murcha
Não mais hei de provar mudo, aterrado.

Emquanto no meo cinto tu repousas
De aureo bróche pendente, o pensamento
Solto da terra, indomito se arroja,
Rompe o infinito de emoções sedento.

E tu serás o guarda de meos sonhos
Bem poucos já, que me consente o fado;
Quando afoito adejar meo pensamento,
Tu fiel velarás sempre a meo lado.

P'ra mim a vida é noite: enquanto o peito
O pesadelo horrivel opprimir-me,
Antes que acorde em trevas, ai ! não deixes
De ante os languidos olhos reluzir-me.

Amem outros um anjo, que sorrio-lhes,
O ouro, que os deslumbrou, o jogo, o vinho,
Os sons da orchestra ao revolver de um baile,
Dos céos o anil, do bosque o passarinho;

Amem quanto quizer; que no meo peito
Só existe um amor, que é terreal,
Que me encanta, seduz, e suavisa
De minha alma o ferrenho, amigo mal:

Es tu, buida lamina, que aperto
A este peito, que um dia has de rasgar;
Não ha lethal veneno, que te iguale,
Do coração o mal vais arrancar.

Porás termo da vida ao pesadelo,
Que inda o peito me opprime; e quando a morte
Das trevas me sorrir, e contra o peito
Apertar-me com jubilo e transporte;

No abysmo cahirás, e, inda a meo lado,
Has te nas chammas debater do inferno,
Tê fundir-te em meo seio, e transformar-te
A incandescente lava,—o fogo eterno !

À MULHER IMPUDENTE.

A' Paris seulement se rencontrent ces créatures au visage candide, qui cachent sous un front aussi doux, aussi tendre que la fleur d'une marguerite, la dépravation la plus profonde, les vices les plus raffinés.

BALZAC.

Mulher, tu julgas que em meo peito altivo,
Si bem captivo de profano ardor;
Acaso infame pensamento entrára
Que me acurvára a desdenhoso amor?

Ah! mais não crêias que te ame agora,
Mulher, embora te sorrisse então:
Es fragil ente; quiz saber quem eras;
Forão chimeras quanto disse em vão.

Em danças doidas de salões lascivos
Modos esquivos contrahiste infante:
Cresceste, o vicio refinou co'a idade,
Bem que deidade, não serás amante.

Já nos meos labios incarnou-se o riso
Com que diviso quanto é louco e vão
Após a crença, que morreo n'esta alma
Qual murcha a palma sobre ardente chão.

Não creio em juras de femineos labios,
Que tem resabios de mentira e fel;
Creia o menino, que as mantilhas deixa,
Que em breve a queixa soltará novel.

Creia o que em ermos penetrou a vida,
Onde uma Armida nunca vio fallaz;
Que eu cá não creio haver mulher constante
Um só instante, que as conheço assaz.

Louca julgaste fascinar-me um dia,
E eu te mentia, simulava o crer:
Viste-me apenas a teos pés rendido
Teo peito infido bem deixou-se ver.

Eu já não creio, é verdade pura;
A desventura devastou minha alma;
Mas inda o pejo vem tingir-me a face
Vem dar realce do semblante á calma.

Mas tu, mulher, que, em desigual caminho,
N'um só espinho não rasgaste o pé;
Tu, que rugindo finas sedas vejo,
Tens menos pejo, e muito menos fé!

Arranca a c'rôa, que te cinge a frente,
Calca-a impudente sem um ai de dó;
D'essa grinalda vai as murchas flôres
Já sem odores desfolhar no pó.

Vai, que do mundo já o sarcasmo frio
Chamaste impio, e sobre ti já cahe;
Rompe a capella, calca aos pés as rosas
Não mais viçosas, cujo olôr se esvae.

Vai-te, já agora te julguei perdida;
Não mais infida illudirás ninguém:
Murchas as flores, que te ornavão a frente,
Mulher demente, murcharás também!

A FLOR DESBOTADA.

Je n'aimais qu'elle au monde, et vivre un jour sans elle
Me semblait un destin plus affreux que la mort.

A. DE MUSSUT.

No hay flor mas bella... mas á qué su orgullo,
Si el cierzo helado su boton despoja,
E el agua arrastra su infeliz capullo
Hoja tras hoje?

ZORRILLA.

Era uma flôr, que ao despontar da aurora
Desabrochava candida sorrindo,
E, as auras da manhan o seio abrindo,
Se ostentava magnifica e louçan;
E eu amei a flôr, porque era bella,
Porque d'entre outras filhas da espessura
Pareceo-me de todas a mais pura
Embalando-se aos sopros da manhan.

Amei a branca flôr com puro affecto,
 Porque innocente e candida sorria,
 Porque tinha no todo tal magia
 Que os meos sentidos subito predeeo;
 E feliz me julgando por ama-la,
 Abandonei-me todo á flôr mimosa,
 Que cada dia achava mais viçosa
 No leito de verdura em que nasceo.

Em seo mago perfume embriagado
 Sem o sentir passei noites amenas,
 Tardes suaves, e manhans serenas
 Quaes em sonhos aereos divisei;
 E a flôr, que era só minha, eu adorava
 De dia em dia com maior fervor;
 Era a ultima crença, unico amor,
 Que em meo peito já gasto exp'rimentei.

Amei, amei a filha da espessura;
 A porção dei-lhe d'alma a mais sublime;
 Aos affectos dobrei-me como o vime
 Aos sopros de iracundo vendaval:
 Escravisado emfim beijei meos ferros,
 Que sem magoa rojei, sem pesadume,
 Da rasão apagado o ethereo lume
 De ciumes n'um pélago infernal.

Deo-me suspeitas o gemer da briza,
 O insecto que zumbia, o beija-flor,
 Do regato entre arbustos o rumor,
 Do errante vagalume o perpassar;
 Um ruido, uma sombra, um fumo, um nada
 Fez-me tremer de zelos infernaes,
 Sem que a fraca razão podesse mais
 Os seos foros perdidos recobrar.

Quebrado o encanto foi! Quando me cria
 De seos perfumes unico acredor,
 Já em labios profanos tinha a flôr
 Perdido o seo perfume virginal!
 Mas era bella ainda, e seduzia,
 Tinha candido alvor na tez mimosa;
 Si bem que profanada era formosa
 Mais que nunca essa flôr para o meo mal.

Maldisse a flôr, que amei, fugi-lhe louco,
 E d'ella longe fui gemer calado;
 Mas em meo peito fervido, abrasado
 Bramia sem cessar insano amor.
 Nada, nada acalmou-me o ardor intenso,
 Que todo me abrasava e consumia;
 A paixão infernal, que me opprimia
 Já não era ciume, era furor.

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Quando um dia indiff'rente os sitios busco,
Onde ha pouco adorei, gemi constante,
Tombada vi no chão, vagando errante
Ludibrio dos tufões murchada flôr.
Então ri-me, e passei. Gelido o peito,
De mim, da flôr, de quanto amei ha pouco
Ri-me, ri-me ao passar... E era tão bella!...
Mas o tempo roaz soprou sobre ella,
Murchou-lhe as galas, desbotou-lhe a côr.

A VOZ DO SUICIDIO.

Implacables doivent être les ouragans,
qui nous forcent à demander la paix de
l'âme à la bouche d'un pistolet.

BALZAC.

Silencio ! meia noite ! é erma a praia,
Já tudo dorme, ninguém vela aqui:
Quero em fim respirar; sim, que aqui posso
Desabafar a dôr, que assaz corti !

Direi á noite, á rocha, ao mar, ao vento
Tormentos meos, terrores, desenganos;
Direi tudo o que a mente me ennegrece,
Do inferno d'alma os íntimos arcanos.

Um peito amigo não achei na terra,
De quem magoas fiasse, acerbas dôres:
Sejão meos confidentes rochas, mares,
Trevas, abysmos, vendavaes, horrores !

Troa ao longe a tormenta, o céu se obumbra,
Já bem perto fuzila, estala o raio,
Muge o vento na costa, oiço o rugido
Do mar que ronca, sem sentir desmaio.

Iguaes tormentos me vão dentro n'alma;
Quaes eu posso temer ?—Rugi, ó mares,
Silvai ventos, tufões caliginosos,
Vossa furia cevai por esses ares !

Só tu, ó tempestade, só tu podes
Meo coração mover; em ti só acho
O que não podem dar mesquinhos gozos,
Nem ainda de amor o ardente facho:

Fallas-me ao coração, que ardente escuta
Teo sublime poder, teo brado horrendo,
Quando prenhe de raios te arremessas
Sobre a aerea extensão feroz correndo.

Troa embora; porém ouve o meo canto,
 Que a ti também dirijo: á horrivel sanha
 Unão-se os rudes sons da triste lyra,
 Que meo canto de dôr hoje acompanha.

Já houve um tempo (ai que pungente idea!)
 Sim, um tempo feliz... E eu vivo, eu são!
 Talvez nem vivo, sou phantasma errante,
 Sombra que o mundo vê... oh! maldição!

Maldicta a hora em que te vi! maldicta
 Tu mesma sejas!... Eu deliro... Ah! sim,
 Houve um tempo feliz, dizia, um tempo
 Em que meo peito não vivia assim.

Aberto um céu de amor, um céu de esp'rança,
 De illusões, de ambrosia, nectar, flôres,
 N'elle arrojé-me no delirio insano
 D'aquella amena quadra nos verdores.

Eis que um dia acordei. Que vejo! a vida
 Não era a mesma já; d'um céu no abysmo
 Acordando me achei; mal podem cre-lo
 Os olhos meos, da mente o paroxismo.

Só no mundo me achei.

Desesperado

Errante a noite andei, maldisse a luz,
Trevas quaes as d'esta alma só buscava,
Exilar-me de mim louco eu suppuz.

Em balde:—os passos meos seguio rugindo
Negro, torvo phantasma, que dizia:
—Tudo é vão—patria, gloria, amor, virtude
São mentidas visões, que a mente cria!

Pallido o rosto, hirsuta a grenha, tremulo,
Solitario vaguei entre homens feras,
Feras mais diras do que hyenas, tigres,
Lobos cervaes, carnivoras pantheras.

Não me virão passar. A sede ardente
De poderio e d'oiro, que os cegava,
Seos olhos presos tinha avidos, torvos
Na risonha visão, que os fascinava.

E eu passei cabisbaixo, pensativo
Por entre a turba sem ser visto d'ella;
Vinha a noite bem perto, e no horizonte
Vi que sorria então pallida estrella.

Porque sorria? Sabe-o bem meo peito,
 Que os mysterios depois sondou da vida,
 Quando cançada de lutar minha alma
 Maldisse o pó já de illusões despida.

Co' o presente o passado confrontando,
 Quanto outr'ora sonhei vi dissipado;
 Arido, esteril era já meo peito,
 Sem crença, sem amor, frio, gelado.

Então tremi de horror, então o abysmo
 Mais negro eu vi, que se me abria aos pés:
 —Fujamos d'este horror!—sombrio disse,
 Pensamento infernal sorrir-me fez!

.....

Já era noite, e as trevas circumfusas
 Infundião terror, negro era o céu,
 Rugia a tempestade, accesos raios
 Retalhavão da noite o negro véo.

MEU ALAÚDE.

Onde estás, alaúde mimoso,
Onde outr'ora cantei doce amor,
Quando os olhos de Anella divina
Me inspiravão com mago fulgor?

Bem como ella, tão cedo perdida,
Tão depressa me queres deixar;
Já tuas cordas não vibrão sonoras
Para os dotes de Anella cantar.

Si perdi todo o bem, que almejava,
Quando Anella perdi desditoso,
Hoje amára cantar desgraçado
No alaúde, que foi venturoso.

Mas em vão, que no pó arrojado
Deo de encontro sem cordas no chão,
Quando d'ella phrenetico, insano
Longe fui cortir dôr e paixão.

Outras cordas quiz pôr tão sonoras;
Mas em vão: como as ia vibrar,
Repasado de dôr era o canto,
E de dôr fe-las logo estalar.

Todo o bem que almejava perdido,
Sem esp'rança, sem fê, choro em vão;
Cada gota de pranto que corre,
Sahe ardendo de meo coração.

Tambem tu, alaúde mimoso,
Tão depressa me queres deixar,
Para que nenhum bem n'este mundo
Depois d'ella me possa restar ?

Quando eu amava, tinha espr'ança ardente,
Que o peito crente não me enchia em vão;
Via o futuro me sorrir tão ledô,
Que o vi sem medo no sonhar de então.

Quando eu amava, fui ditoso um dia
N'essa magia de um viver feliz;
Vivi sonhando entre aroma e flôres,
Cantando amores, que o passado diz.

Mas, ai! tão cedo n'um tufão sanhudo
De envolta tudo se me foi n'um dia;
Hoje em meo peito restão gelo e morte,
Mesquinha sorte me persegue impia.

Hoje não amo, que da lava ardente
Só cinza algente cobre o peito meo;
Brotar não pôde mais do frio gelo
O amor singelo, que uma vez morreo.

EU ERA UM VAGABUNDO.

Eu era um vagabundo; sobre a terra
Sómente amava a Deos, e a liberdade,
Ao som do bandolim cantava á noite,
E no peito guardava uma saudade.

Entre os homens vivendo, e só no mundo,
Quanto via ante mim, a quanto olhava,
—Futeis chimeras, frívolos nonadas,
Eu com riso sarcástico encarava.

Seramente o que val ser encarado?
As futeis obras da vaidade humana!
A natureza as tem mais primorosas,
Sem hypocrita ser, sem ser tyranna.

E eu que vagava sem cessar, zombando
De quanto havia emphatico, imponente,
Chamava ao homem simplice criança,
Embora me chamasse alguém demente.

E eu me ria, e cantava, e proseguia,
E quando a noite o manto desdobrava,
Sobre a pedra da rua indo assentar-me,
Em fundo meditar eu me abysmava.

E si a lua, entre nuvens prateadas,
No horizonte surgir acaso eu via,
E ao relógio da torre austero e grave
Pausadamente o echo respondia;

À meia noite, quando é muda a terra,
E dorme o homem, si não mata e rouba,
E a mente de quem vela em aureos sonhos
Na mudez do silencio mais se arrouba;

Cantava ao bandolim minha saudade
 Á fresca viração, que perpassava,
 E ao expirar do canto nos meos labios,
 Do meo peito um suspiro se exhalava.

Veze mil ao relento adormecia
 Da noite pelas auras embalado,
 No peito o bandolim, que inda vibrava,
 Na mente o esquecimento deslembrado.

Outras tantas, fumando o meo cachimbo,
 Vagava á noite só pela calada,
 Quando o céu de atras nuvens se obumbrava,
 E era a briza do sul fria e gelada.

Em solitaria praia quantas vezes
 Alta noite assentei-me, da tormenta
 Escutando o rugido, que amo tanto,
 Quando o escarcéo do mar em frol¹ rebenta.

E livre como as ondas, como os ventos
 Eu vagabundo andava, e proseguia

¹ Vide a nota no fim.

No meo grato viver de liberdade,
Que receio, ou temor me não tolhia.

Minhas trovas compunha muitas vezes
À baça luz do lampeão da rua,
E ao som do bandolim depois cantava
Ao surgir no horizonte a argentea lua.

E era este o viver, que então levava
Na febre do delirio, em que acordei
Dos sonhos da illusão, em que dormira
Entre flôres, e aromas, que aspirei.

Si em meos labios o riso era já murcho,
Si era arido e secco o peito meo,
A liberdade amava, o mar, a lua,
A tempestade, o bosque, o azul do céu.

Si algumas vezes ao cahir da noite
À duvidosa luz eu vislumbraava
Vaporoso phantasma, em cujo aspecto
Do meo passado o encanto divisava;

Era o phantasma d'ella, e eu fugia
À importuna visão, que me magoava;

Porque o meo peito arido, deserto
Ao amor de mulher se recusava.

Morto para o prazer, vivo para a dôr,
Só a triste saudade me ficára;
Pois que toda a esperança era já morta,
E um lenitivo só me não restára.

E era este o viver, que me aprazia,
Odiando o mundo, embora d'elle odiado;
Pois que o mundo cavára, elle sómente
Negro abysmo, em que fui precipitado.

Que vida que eu passei ! Nos frios labios,
Da duvida o sorriso a quem me ouvia
Externamente a placidez mostrava,
Quando lá dentro o inferno rebramia.

E o vagabundo ermava pela terra
Longe do tecto seo, que o enojára;
Pois que a dita sonhada n'elle outr'ora
Da realidade á luz se dissipára.

Deixei esse viver: fui mais feliz?
Diga-o minha alma, que embotada está,
Que o que sonhára, sobre o lodo immundo
Tem mil certezas que jámais verá.

FIM DO LIVRO PRIMEIRO.

NOTAS

AO LIVRO PRIMEIRO

NOTA A.

Sacudi de colonia o jugo odioso... pag. 64.

Não quero com isto dizer :—façamos a independencia do Norte: não, senhor critico; desejo pelo contrario ver mantida em toda a sua plenitude a integridade do imperio, ao qual até hoje nunca desejei nenhum mal. Quero apenas dizer:—façamos valer o nosso direito, e reclamemos com energia o lugar, que nos compete entre as provincias de primeira ordem.

Isto pelo menos tinha eu no pensamento quando esse verso escrevia; salvo si houver alguém, que melhor do que eu proprio saiba o que dentro de minha consciencia se passa, e que queira, a pesar de minha ingenua confissão, attribuir-me desejos hostis á integridade, e á constituição do imperio. Em uma terra, onde ha tantos « oradores funebres » toda a explicação é pouca.

NOTA B.

A UMA DONZELLA, QUE PEDIA A MORTE... pag. 68.

Não se persuada a pessoa, a quem forão feitos estes versos, que aqui o fizemos inxerir por deferencia a ella; porquanto, como ao depois soubemos, não era digna d'elles: assim que n'este volume se achão como producção minha unicamente, e sem segunda tenção.

NOTA C.

Quando o escarceo do mar em « frol » rebenta... pag. 105.

Si bem que já tenha ouvido, não me lembra agora por quem, condemnar o uso d'este vocabulo como barbaro e antiquado, quero, todavia, ir com aquelles, que com mais pureza escreverão o portuguez. Não é raro encontrar-se a palavra « frol » em lugar de « flor » nas « peregrinações de Fernão Mendes Pinto », cuja linguagem, segundo Manoel Odorico Mendes, é tão casta e elegante.

Accresce que « flor » não exprime tão bem como « frol » os frotes de espuma alvissima em que se desfazem as vagas quando se quebrão de encontro aos arrecifes agoitadas pela ventania.

LIVRO SEGUNDO.

POESIAS SATYRICAS.

SONETO.

Tres lustros quando apenas eu contava
Foi que no goto deo-me o ser poeta,
Minha musa tenaz, pouco discreta
Zoilos, vaias, laureis, tudo affrontava.

A diva, ingrata então, que me inspirava,
Da sandice me fez tocar a meta;
Noite e dia rimei como um pateta,
Inda dormindo em sonhos eu rimava.

Muitas vezes meu pai (sincero amigo)
Ouvindo um verso meo, tornou-se mudo,
E em combate depois entrou commigo:

Eu do velho temendo algum cascudo,
Esgueirava-me sempre; agora digo:
—Era sabio meo pai, eu cabeçudo.—

CARTA.

Ó vate alcantarense, egregio vate,
Que não cessas de dar-nos cada dia
Na—*Coalição*—um novo disparate;
Vate chibante, fonte de harmonia,
Que, em versos, que o character tem de prosa,
Desfechas na mais tosca algaravia;
Quer cantes no jardim a fresca rosa,
Quer a noite dos olhos de tua bella,
É tua musa bombastica, assombrosa.
Não te fadou em vão a tua estrella;
A par de Byron, Pope, Tasso e Dante
Subirás ao Parnaso a remo e vela.

Já teu canto suave, altisonante,
Sem que saibas talvez, transpondo os mares,
Foi a Europa soar guápo e chibante.

Tuas magoas, teos queixumes, teos pezares
Tem arrancado lagrymas e pranto,
Offuscando os mais lugubres cantares.

Já foi Musset deitado para um canto,
Dom Jayme ninguém lê, Ossian faz tédio,
O Fausto, o Jocelyn soffrem outro tanto.

Apertada por ti em estreito assedio
Essa sucia a final de petulantes
Certo virá render-se, e sem remedio.

Então has tu de alçar bellos *descantes*,
Que, os espaços rompendo silenciosos,
Irão até os astros curuscentes.

Quem ouvirá teos versos melodiosos,
E escutará tuas queixas velhas, chócas
Que não enxugue os olhos lacrymosos?

Cantor de camarões e moriçócas,
Si a lyra afinas, és suave e brando,
Es sublime e feroz si a tuba embócas.

Tu descendes de um tronco venerando,
Que ao mundo já deo mais um litterato
Immortal coryptheo do sabio bando.

Que artigos que elle faz ! com que apparato
Nos apresenta seo pensar maduro
Qual montanha que berra, e pare um rato !

Ahi vem Virgilio, Enéa, o reino escuro,

As Górgonas, Cassandra, Eurylo e Niso,
Nem fica em paz nas aguas Palinuro.

Si um artigo assim leio, a mão diviso
De um pedante, que quer metter á cara
Talentos, erudição, mas sem ter siso.

Um crítico a final se lhe depara,
Fica o tolo entre apúpos confundido
Por sandices, que á esmo arrevesára.

Do odio e do despeito enfurecido,
Longe o misero vai chorar seo fado
De deshonna e baldões enriquecido !

Ó vate immenso, audaz, vate estremado,
Si os exemplos seguides, que te aponto,
Serás em verso e prosa celebrado.

Ao passo que ovações terás sem conto,
Proferido no templo da Memoria
Teo nome se ouvirá sem ter desconto.

Si teo nome immortal é já da historia,
Si tua fama veloz, passando os mares,
Foi pela Europa resoar com gloria;

Meos versos sem cadencia, irregulares,
Filhos só do desejo de louvar-te
Certo que não merecem teos olhares.

Forças não tenho eu para cantar-te
Como quizera em comica epopéa,
Para até as estrellas elevar-te.

Pois que tua fama immensa, gigantêa
É maior que a do bispo e a do deão,

Que o Hyssope eternisa e patentea.

Mas pulsa no meo peito um coração,
Que sincero te quer render seo culto,
Sem de louvar-te ter mais que a intenção.

Da satyra mordaz despresa o insulto,
Que a nenhum grande genio tem poupado
O furor de rimar de um bando estulto.

Si até hoje te tens ao Pindo alçado,
Derramando torrente de harmonias,
Com que tens o universo arrebatado,

Agora terás tu mais regalias,
Pois que, da terra aos céos alevantado,
Vais com gloria brilhar ao sol dos—*dias!*

EPIGRAMMAS.

De homens de pelle branca
Descender quer o Martinho;
Mas tem tão negro o focinho
Que um Cafre não no desbanca.
Agudo como uma tranca
Argumenta, e contradiz:
Nos prova que por um triz
Nascera co'a côr mais pura;
Mas que deve a côr escura
Ao nascer em lua cris.

É fama que a terna Elvira
Em nada toca co'a mão:
O que tal cousa lhe inspira?
A mais louca presumpção.

Não creias mais, ó menina,
O teo espelho fallaz:
Do que te serve a mão fina,
Si es copia de Satanaz?

SONETO.

Sahe a campo, Tarquinio, si quizeres,
Que firme cá te espero na estacada;
Não temas meo rancor, nem serão nada
Os coices e patadas, que tu deres.

Não percas tempo, corre, si poderes,
A ganhar a victoria começada,
Que a fusca testa terás tu c'rôada
Da palha e do capim, que mereceres.

Fraco rival em mim terás de certo:
Um só couce, que dês co'o casco duro
Para vencer-me basta em campo aberto:

E então renome tal terás futuro,
Que tua fama do olvido irá bem perto
Jazer co'os versos teos n'algum monturo!

SONETO.

Tenho em vão, ó Tarquinio, te aguardado
Na liça honrosa de immortaes cantores,
Em vão dissipar quero esses terrores,
Que tem teos labios tremulos cerrado.

Até hoje só tens tergiversado,
Fracos brios mostrando, e vãos temores,
Do bando asnal de pifios trovadores
Entre as gritas e vaías apupado.

Sahe a campo, recobra heroicos brios,
Vem na arena mostrar genio fecundo,
Corregindo meos erros e desvios;

Que, curvando-me a teo saber profundo,
Logo ás chammaſ darei meos desvarios,
Tu louvado serás por todo o mundo.

CARTA

A CERTA MENINA.

Ha quatro dias, menina,
Passei por tua janella,
E como não te vi n'ella,
Dobrei o cabo á bolina:
O cabo, sim, que essa esquina
Tormentosa me tem sido;
Mil vezes n'ella perdido,
A' mercê da tempestade,
Nas trevas da escuridade,
Tenho os teos olhos carpido.

Mas tal tem sido o meo fado,
 Que, co'a feia carantonha,
 Da tempestade medonha
 Mil vezes tem-me arrancado:
 Tem-me o teo rosto mostrado
 Nos balcões de atra procella,
 Luzindo lá da janella
 A minha estrella polar,
 Que não me deixa aberrar
 Da minha derrota bella.

Crê, menina, que te adoro
 Co'a mais ardente paixão;
 Que pelo teo coração
 Recusára um regio tóro;
 Do teo todo me enamoro,
 Ó anjo, que tens esta alma;
 Não posso ver-te com calma,
 Pois que os affectos são taes,
 Que julgo de meos rivaes
 A todos levar a palma.

Vi-te, ó bella, tão formosa,
 Tão serena, e sem rival,
 Que senti meo duro mal
 Crescer com chamma espantosa!

Mais bella achei-te que a rosa
 Pelas auras embalada
 Em rico vergel, banhada
 Pelos prantos da manhan;
 A rubra côr da roman
 Tinha tua bocca incarnada.

Quiz de balde alli provar-te
 Meo respeito e acatamento;
 Ao menos por um momento
 Curvar-te quiz adorar-te:
 Porêm, oh! como contar-te
 A minha atroz desventura?
 Como pintar-te a amargura,
 Que então provarão meos labios,
 Do que me restão resabios
 Em ver de amena doçura.

Não sei porque suggestão
 Do negro espirito máo
 Chega o teo primo Lalão
 De banda, espada, e galão.
 Esse gentil mocetão
 É da guarda nacional;
 O seo todo marcial
 Fez-me fugir aterrado:

O guarda mais desastrado
Não quero para rival.

Guisos, missangas, velorios,
Alambres, malacachetas,
Canotilhos, e folhetas
Podem mais que latinorios:
Em certames amatorios
Tem a palma a frioleira:
Á dama menos loureira
Só vale a farda incarnada,
A banda, o pennacho, a espada
Os galões e a cabelleira.

Assim, ó bella, fugindo,
Longe fui chorar meo fado,
Contra mim desenfreado,
Sempre mil tramas urdindo.
Sem ver o teu rosto lindo
Fôra acerbo o meo viver;
Ássim desejo saber
Qual dos dous é preferido:
Sí for eu (do que duvido)
Dá-te prêssa em m'o dizer.

Não retardes a resposta;
Manda-m'a já por quem és;
Irei beijar os teos pés.
Si a meo grado for composta.
Meo amor, que tudo arrosta,
Só teme de ninharias:
Montões de quinquilharias
Em pifio lapuz fardado
Valem mais que no soldado
Altos feitos, bizarrias.

EPITAPHIOS.

Aqui jaz um escrivão
De todos o mais honrado:
Morrêra mui bom christão;
Mas tinha o grave peccado
De nunca ser o occupado
Que não bifasse um tostão.

Aqui jaz um senador,
Que não fez peor figura
Que a nobre cavalgadura
Do romano imperador.

SONETO.

Vós, estultos Bretões, vós, insensatos,
Mal conheceis de certo o que arriscais,
Si a caso crua guerra apparelhais
Contraria aos do Brazil filhos pacatos.

Não vindes decimar tropel de ratos,
Nem ovelhas pacificas achais,
Que por fracas e inermes desfaçais,
E se escondão dispersas pelos mattos.

Um só tereis, que, sem despir o ferro,
Far-vos-há recolher a qualquer telha,
Cortados de terror, chorando o erro.

É um que a Mirabeau bem se assemelha,
Cuja eloquencia não perdoa enterro,
É do Norte o terror—o Roupa-velha!—

DECIMAS

RECITADAS EM UM JANTAR.

Senhores, tive o prazer
De comvosco hoje me achar;
Porêr me resta o pezar
De pouco poder comer:
Com tudo desejo ver
O vosso contentamento;
Pois de prazer em momento
Embora não possa ter,
Vendo comer e beber,
Sinto n'alma um doce alento.

Mas que digo? Nada, nada;
Já me vou mais alegrando;
Do peito vou desterrando
A tristeza inveterada.
N'esta mesa abrilhantada
Contemplo mais de um pratinho;
Em comendo um poucachinho,
Serei mais lesto que um rato,
Si não ficar como um pato
Depois de um copo de vinho.

CARTA

A MEO AMIGO SATYRO C. ALVES SERRÃO

MORADOR DE SAN' BENTO.

A final eis-me empregado,
Ó meo amado Satico¹;
Ganho dinheiro, sou rico,
Eis-me na lida empenhado.
Hoje mesmo encasacado
Me fui a repartição:
Entrei com ar de barão,
Com certo garbo entufado,
Que quem não fôr empregado
Não n'ó tem de certo, não.

1 Assim chama-se em casa o meo amigo.

Sem susto posso casar-me
 Com qualquer menina bella,
 Para ter *filhos* com *ella*,
 Sem co'os *brutos* comparar-me:
 Agora posso chamar-me
 —Da terra o ente feliz—
 Pois meo fado ingrato quiz,
 Despindo a carranca feia,
 Quebrar a fatal cadêia
 Do meo passado infeliz.

Talvez digas que exagero,
 Caro amigo, a dita minha;
 Que uma cousa tão mesquinha
 Exaltar por força quero.
 Enganas-te, amigo—impero
 Sobre a terra, e sou graúdo;
 Tenho feito longo estudo,
 E o que digo é bem fundado:
 Amigo, ser empregado,
 É n'este mundo ser tudo.

Vou aprender o fandango,
 A mazurka, a polka, tudo,
 E pretendo n'este entrudo
 Vestir-me de orangotango;

Não me afflijo, nem me zango,
 Pois tenho o que dar ao dente;
 Que assim faz aquella gente,
 Que tem por patria a barriga,
 Que quando não come, briga
 Revoltosa e descontente.

Tivoly, theatro agora
 É preciso não perder,
 Cousas muito para ver
 Mormente si se namora:
 Firmado na minha escora,
 Hei de a bailes tambem ir;
 Entre mil damas luzir
 Me verão na contradança,
 E, si houver depois pitança,
 Com polidez me embutir:

Hei de comprar um corcel
 Bem polido e jaezado,
 De manta, e selim bordado,
 E no freio um cascavel:
 Mais taul que o Maciel
 De fitas hei de ennastral-o,
 E para não ser cavallo,
 Chamal-o hei—*Perendengue*—

Será ginete tão dengue
Que as damas hão de imital-o.

Comprarei chapeo, casaca,
Botinas, calças, colete,
Para o peito um alfinete,
Que não mostre bolsa fraca:
Embora leve matraca,
Hei de dizer que é mentira;
Pois meninas eu já vira,
Sem fazer o mundo bulha,
Fininhas como uma agulha,
Com ancas do *tocanguira*¹.

Tambem comprarei piano,
Pois quero ter instrucção;
É desdouro, é compaixão
Não ter mestre italiano.
A minha voz de soprano
Ha de ser appetecida;
Tenho fé que de vencida
Levarei certas meninas,
Que cantão tres cavatinas
Com voz roufenha e tremida.

1 Insecto com o qual muito se assemelham certas damas quando vestidas, e para cuja mordedura dizem serem ellas o melhor remedio.

E si antes do fim do mez
 Fôr-se todo o meo salario,
 Irei a certo usurario
 Meo agradavel freguez.
 Vendendo por esta vez
 O ganho do mez vindouro,
 Lhe direi que a tal desdouro
 Obrigou-me um franchinote,
 O qual pretendo, a chicote,
 Fazer pular como um touro.

A dez por cento de ganho,
 Não fará bico por certo;
 Logo alli credito aberto
 Me dará premio tamanho.
 Escapo do tal murganho,
 Com outro irei logo ter,
 E o mesmo soldo vender,
 O qual, depois, ao erario,
 Antes d'um e outro usurario,
 Correndo, irei receber.

D'est'arte, meo caro amigo,
 A uns e a outros logrando,
 Viverei tripudiando,
 Sem haver grande perigo:

Pelos precalços me obrigo
 D'este meo procedimento...
 Ora, terei cabimento
 Em mil salões tapetados,
 E os grandes, impertigados,
 Hão de honrar meo casamento.

Talvez, amigo, que agora
 Não vejas mais lettras minhas;
 Escrever-te!... é honrasinha
 De pouca gente acreedora:
 A minha penna honradora
 Conhece quaes seos deveres:
 Si a distincta lá tiveres
 De receber cartas minhas,
 Não te gabes: que regrinhas!
 Caluda! depois de leres.

Do auge de minha dita
 Hei de o decóro guardar;
 Hei de os grandes imitar,
 A ver se ganho uma *fit*a.
 Depois da gloria infinita
 De ornar meo peito altaneiro,
 Hei de a peso de dinheiro
 Comprar tambem baronato,

Que, por preço assaz barato,
O tem qualquer sapateiro.

Da patria pospondo o amor
A meos desejos insanos,
Quando entrar nos quarenta annos
Tambem serei senador:
Co'a minha voz de Stentor
Farei discursos de arromba,
Si, abaixando a minha tromba,
Com tino mais acertado,
Não der só triste—*apoiado!*
Tão manço como uma pomba.

Eis, amigo, o que procuro,
Talvez com muita razão;
Meo presago coração
Me annuncia um bom futuro:
Eu de nada jámais curo,
E nada mais peço aos céos:
Si amares os lucros meos,
Si fôres o mesmo amigo,
Os céos implora commigo,
Ajuda-me, amigo.—Adeos.

EPIGRAMMA.

Que viva Aurelia da agulha
È cousa mui natural,
E si compra mil vestidos
Em que ao mundo vem mal?

Si os compra, é porque trabalha,
Embora lingua atrevida
Diga que Aurelia não cose,
E que ao contrario é cosida.

EPITAPHIO.

Aqui jaz uma donzella
N'esta humilde sepultura,
E os *filhinhos* com ternura
Só fazem chorar por ella.

CUPIDO NAS NOSSAS AGUAS.

Apparuerunt flores • in aqua • nostra.

Nasceo da espuma dos mares;
Segundo a mythologia,
A mãe de Cupido um dia
Formosa sem ter senão;
De Marte pario Cupido,
Menino audaz, insolente,
Que fura o peito da gente,
Os bofes, e o coração.

É Cupido atroz infante
 Formoso, e de olhos vendados,
 E a todos os namorados
 Faz a guerra a mais cruel;
 Tem carcáz cheio de settas,
 Que arremessa sem cessar;
 Pois o que quer é furar
 Tyranno sempre e revel.

Porêm como tudo muda,
 Tambem Cupido mudou,
 Quando agora se mostrou
 Com carranca marcial:
 E quem pasmár co'a mudança,
 Saberá que d'esta sorte
 Foi o filho de Mavorte
 Promovido a official.

Como era filho de Venus,
 Da espuma do mar gerada,
 Quiz o *menino* na armada
 Commandar um galião:
 Começou por aspirante,
 E por ser bravo, e valente,
 Poz de primeiro-tenente
 Na larga manga o galão.

Chega ás aguas do Bacanga
Não já menino gentil,
Mas com semblante viril
Dos annos meio sulcado,
Risosinho insidioso,
Bastas suíças ao vento,
Na gamenhice um portento,
Das nymphas enamorado.

Do Bacanga algumas filhas
Não são muito escrupulosas,
Assim que logo amorosas
Ficão todas do varão:
Com tal Cupido casada
Cada qual já se imagina,
Festas, bailes, golosina
Cada qual já sonha em vão.

Vê-se o Cupido cercado
No theatro, e nos salões,
E encontra até toleirões,
Que o *narigão* sem cessar:
Si solta uma parvoice,
Ri-se o bando feminino,
O que o faz julgar-se fino
Para mil outras soltar.

Si o Cupido vem de fóra,
 Será por força applaudido,
 Tenha embora o appellido
 De *Bugio*, ou *Paysandú*;
 Seja embora desfrutavel,
 No theatro, ou nos salões
 Terá muitas attenções,
 Si é *Luiz*, será *Lulú*.

Cupido, que, em outras terras,
 Onde ha mais austeridade,
 Nunca se vira deidade,
 Já não cabe mais em si;
 N'um cavallo escarranchado
 Toda a tarde já passeia,
 Já se empina, e bambolea,
 E com todos já não ri.

Um bandinho logo o cerca
 De outros Cupidos gentis,
 Que, emproados, senhoris,
 Não sabem mesmo o que são:
 Qual pretende ser Narciso,
 Qual monta bem a cavallo,
 Qual é fofa, e no gargalo
 Tem eterna comichão.

Mil nymphas cahem feridas
 Sem achar quem as soccorra,
 E é de crer que alguma morra,
 Que o deos alado é cruel:
 Praz-lhe ouvir agudos ais,
 Que arranca o ferido amante
 Nas vascas agonizante,
 Da morte tragando o fel,

Mas Cupido não é tolo,
 Ri-se só do mal, que faz,
 E não volve um passo atraz
 Para soccorro não dar;
 Vai seguindo o seo caminho
 A passo largo, e seguro,
 Té topar com novo muro,
 Que a salvo passo escalar.

Cupido, ouve um conselho
 De quem pode ser teo filho:
 —Não te mettas a casquilho,
 Que tu já estás madurão;
 As nymphas, que te namorão
 Não te querem certamente,
 Só querem tua patente,
 E as vantagens do galão.

Tu, que na Bahia deste
 Mil provas de denodado
 No combate desastrado
 Do *Flórída* e *Wassuchet*,
 Não deixes, olha o futuro,
 Esfriar a audacia, o brio;
 Não fiques aqui vadio,
 Que a um bravo vergonha é.

Parte já guapo e loução
 Do estado-maior cercado,
 Como soldado esforçado,
 Para as campinas do Sul;
 Nymphas não, mas Paraguayos
 Vai vencer a teo talante,
 Que val mais ser almirante,
 Do que peralta, ou taul;

Ou busca em Chypre Amathonta,
 Paphos, Idalia, ou Cythera,
 Onde a mãe Venus impera
 Entre gozos, e folia;
 Leva os guapos amorinhos,
 Que te cercão açodados,
 Para os ter sempre a teos lados
 Cortesãos de cada dia.

Parte, e si acaso julgares
Que alguma nympha te adora,
Volve-se os olhos, vê, e chora
Mais um desengano atroz:
Em te vendo pelas costas,
Hão de rir, de ti zombando,
Porque o femenino bando,
Quando illudido, é feroz !

SONETO.

Ao longe em vão te escuto, ó Culhopatha,
Rugindo ameaças torvas despiedado;
Em vão de sanha horrifica assaltado
Feres o chão co'os pés; digo—co'a pata.

Tremão mil zotes da feroz bravata,
Do estridente nitrido amedrontado,
Fuja quanto temer ser recrutado,
Fuja a mosca, o cupim, fuja a barata;

Fuja tudo o que vive, e o que vegeta,
Retrema o phóca lá no pégo escuro,
Zoophytos, pedras tremão da careta;

Que eu, da bride travando-te seguro,
Hei de montar-te lépido á gineta
A tesos golpes de azorrague duro.

DECIMAS

A UM «CAPITÃO» QUE REPELLIO COM MARAVILHOSO DENODO A AUDACIA
DE UM CADETE, QUE, EM DIA DE PARADA, OUSOU
PASSAR-LHE PELA FRENTE.

Cadete audaz, insolente,
Que nova farda vestio,
Co'a sombra *vil* encobrio
General fero, e volante.
A' ira e furor vehemente
Do terrivel capitão
Responde horrendo trovão,
Treme a terra, o céu se parte;
O brado horrivel de Marte
Nunca fez tal commoção.

—Tu ousas, vil chichiméco,
 (Brada o rival de Mavorte)
 —Offuscar o fero porte
 —De quem julgaste um boneco?—
 —Pençavas que eu era péco?...
 Dizendo assim, sem demora,
 Eis que o ferro arranca fóra,
 E, armado de novos brios,
 Deixára alli muitos frios
 A não ser NOSSA SENHORA !

Aprende, moço inexperto,
 Aprenda a ser mais sensato;
 Sê mais polido no tracto,
 Que já não estás no deserto:
 Não sabes que muito perto
 Passar de um fero guerreiro
 É proprio de homem grosseiro?
 Que farda, dragona e cacho,
 Bigode, espada, e pennacho
 Longe estão de um pegureiro¹?

E a moça, que da janella,

1 Tinha o cadete vindo do interior ainda bisonho.

Olha o prestito¹, que passa,
 Que diria a tal chalaça,
 Si não perde bagatella?
 Muito mais o—Pimpinella,
 Que tem a lingua mordaz,
 Que o que pilha, corre—zaz!
 Pregoa por toda a parte
 Até que o vulgo se farte,
 Ou que o apúpe um rapaz.

E tu, gentil capitão,
 N'este teo procedimento
 Por pouco mais de um momento
 Supplantáras Tamerlão:
 Obraste como um leão
 No deserto embravecido;
 Mas não sahiste ferido;
 Porque teo fraco rival,
 Temendo a ira infernal,
 Fugio de medo transido.

Não deixes, bravo soldado,
 (Tem ante os olhos a historia)
 Offuscar a immensa gloria
 De um heroe famigerado.

1 A procissão do Senhor dos Passos.

Ha muito que decantado
Tens tu sido em lyra d'oiro;
Cavalgas melhor que um Moiro,
Brandes bem um catatáo;
Quem disser que és fraco e máo,
Merece tunda no coiro.

CARTA

A MEO AMIGO H. F. DE MIRANDA

MORADOR DE SAN' BENTO.

Por meio d'estes horridos perigos,
D'estes trabalhos graves, e temores
Alcanção os que são da fama amigos
As honras immortaes, os grãos maiores.

CAMÕES.

Vou contar-te certa historia,
Ó meo querido Miranda;
Embora cousa irrisoria,
Já que minha musa o manda,
Recolhe-a bem na memoria.

Não me acoimes de mordaz,
Não digas que sou tyranno;
Que na satyra, tenaz,
Tenho sido deshumano,
Ou antes um doudarraz.

Não me increpes, caro amigo;
 Deixa-me o tempo empregar;
 Que, quando estava contigo,
 Sem o mundo atassalhar,
 Fui mais severo commigo,

A minha musa sombria
 Mudou de tom n'esta plaga;
 Immersa em mar de alegria,
 Com risos tanto me afaga
 Que sinto certa *arrelia*¹.

Parece que sinto então
 Dentro d'alma um phrenesi:
 Pego a penna, mordo a mão,
 Recordo auctores, que li
 Mordazes por condição.

Bem que *rasque* co'a mania
 De alheas pelles tosar,
 Me impelle a deusa sombria,

1 O que vai em typo diverso é para quem entender; não faço mais
 que repetir o que tenho ouvido.

Que, quando quer me inspirar,
Ao alvo logo me guia.

Mas que digo?... A mente fraca
Já me fez disparatar...
Certo, mereço matraca;
Fallei de historia contar,
E acabei por *jabiráca*!

Si co'a minha narrativa,
Sem mais preludio, affrontasse,
Talvez que a memoria esquiva
Tão longe não me deixasse
Levar a maginativa.

Antes, porê, que a memoria
Me falte n'esta alta empresa,
Passemos a nossa historia;
Que fôra summa estranheza
Recuar ante a victoria.

Vamos, pois, ao nosso conto;
Basta já de palanfrorio;
Contarei ponto por ponto,

Por não ser muito notorio
Nos annaes do povo tonto.

Dentro de um lago rotundo,
N'um lagedo calvo e nu,
Retirou-se d'este mundo
Horrenda *socorujú*¹
A um outro escuro e profundo.

Em noite de negro inverno
É a fama que dêra um urro,
Que o antro fendeo eterno,
Já tendo engulido um burro
De um certo *Braulio Paterno*;

E com gana mais voraz
Que no mar um tubarão,
Si passava um bicho—zaz !
Papava-o sem remissão;
Muitas manadas desfaz.

De certo em Thebas não fez

1 Serpente amphibia.

Outr'ora a Sphynge medonha
 Tanto damno, e n'um só mez;
 Já era mais enfadonha
 Do que nos mares o Inglez.

Infeliz Guarapyranga !
 (Eis onde o facto se deo)
 Metteste a cerviz na canga,
 Não vejo um só filho teo,
 Que furor, ou raiva, ou zanga...

Que digo ? não quiz um filho
 D'essas campinas virentes
 Seguir dos irmãos o trilho;
 Chamou dous negros valentes,
 A campo sahio com brilho.

Palmilhou mais de uma legoa
 Seguido dos Afros duros,
 Cavalgando antiga egoa,
 Cujos cascos mal seguros
 De antemão pedião tregoa.

Chegado ao sitio funesto

O nosso heroe destemido,
Da besta *mettendo o resto*,
Apeou-se de atrevido
Com todo o demais apresto.

De sitios taes mui sciente
(De ha muito que os perlustrou)
E a tudo mais indiff'rente,
Definitiva tomou
Resolução de valente.

Travando da arma certa,ira,
Co'a furna escura endireita;
Para... escuta... eis da chumbeira
Saca um pellouro, que ageita
A' bocca da granadeira.

Pé atraz, olho na mira,
No alvo eis faz pontaria...
Retumba o som, ronca, expira
Na brenha espessa e sombria,
Foge a garça, o cão delira.

Eil-o por terra estendido

O monstro de fama horrenda,
Eil-o co'o pó confundido,
De um braço duro e potente
Mostrando o feito atrevido !

Eil-o attestando aos vindoiros
Que, nas plagas de Cabral,
Não se soffrem vis desdoiros
Entre o bando sem igual
De heroes de tostados coiros.

Bravo ! bravo ! a turba exclama,
O monstro vendo estirado,
Coberto de honrada lama
O nosso heroe estremado,
Que lá vai na voz da fama.

Que diga, musa, tu mandas
Qual foi do varão a gloria;
Que a gente lá d'essas bandas,
N'um tronco gravando a historia,
O conduzio n'umas andas;

Que de ramas de palmeira

Cingindo verde coroa,
 Sustem na dextra guerreira,
 Ao som dos hymnos, que atroa,
 Um ramo de bananeira;

Que, aos uivos da patulêa,
 Nosso heroe de fama eterna
 Mais que o heroe de Nemêa,
 Matando a hydra de Lerna,
 Ganhou fama gigantêa.

Em fim, para que não faça
 Incompleta a narração,
 Direi que, ao som da chalaça,
 Rolarão todos no chão
 Depois de muita *cachaça*.

Eis, Miranda, o promettido;
 Desempenhei a palavra;
 O facto pouco sabido
 Cuja fama inda não lavra,
 Tenho-te aqui descrevido.

Eis o que tenho apanhado

De não suspeitar camponios,
D'aquelle feito estremado
Pasmados não por bolonios,
Mas por alto e sublimado.

Si fui defuso, perdoa;
Commigo sé tolerante;
Narrei-te uma acção tão boa;
N'uma epopéa gigante
Alcei denodado a proa.

Quanto ao mais, cá como fóra,
A's tuas ordens, amigo;
O mesmo inda sou agora
Que sempre para contigo:
—Aquelle servo de outr'ora.—

EPIGRAMMAS.

Em quanto Laura a filha da visinha
Repr'hende da janella, e ralha em vão,
Sua innocente filha, coitadinha !
Se deixa requestar pelo portão.

Querendo Fabio jogar,
E se lhe oppondo a mulher,
Não se peja de affirmar
Na cabeça *enfeites* ter,
Por d'ella se desquitar.

EPITAPHIO.

Aqui jaz um jogador,
Que jogou como ninguem:
—Não ganhou nunca um vintem,
E perdeu té o—pudor.

SONETO.

Que vens buscar em scena, actor mofino,
Arlequim sem-sabor, truão chapado?
Não vês que horivelmente pateado
Foste, a pezar de um bando pequenino?

Vai n'um canto chorar o teu destino,
Não te mostres a um publico illustrado,
Que de um pifio truão enfastiado,
Repelle-te a philaucia, o desatino.

Não profanes de artista o nome augusto,
O qual não cabe a um titere impudente,
Que arreeiros faz rir sem grande custo.

O teu todo asqueroso assusta a gente;
Em fim, sem que me peze o ser injusto,
Es um basbaque rei, bobo insolente.

CARTA.

Jamais un lourdaud, quoi qu'il fasse,
Ne saurait passer pour galant.

LA FONTAINE.

Si é dado a um pobre vate desvalido,
Um brado dando humilde e mal seguro,
Ao poeta louvar alto e subido;
Si a caligem rompendo do futuro,
Poder salvar do olvido o nome ingente
De um bardo o canto de um trovista escuro,
A ti meo canto élêvo, a ti sómente,
Que do Pindo os mais intimos arcanos
Tens perscrutado astuta e sabiamente;
A ti, que aquelles contos tão maganos
De Phedro, de Pilpáy, gente gaiata,
Excedido já tens em poucos annos;

A ti, cuja mandóra me arrebatá,
Si vibrada mórmente escuto a ella
Em gabos, e em louvor do *Culhopatha* !

Es cantor de *chibarro*s, e é tão bella
De Phedro a lyra em tua mão vibrada
Que um *chibarro* cantor trahe e revela.

Que metro, que dicção, que despejada
Altivez no dizer, que argucia fina,
Que do mesmo *Bautru* fôra invejada !

De tudo quanto Grecia e Roma ensina,
Gallia, Britania, colossaes portentos,
Loge está tua musa alta e divina !

Tão altos são teos finos pensamentos !
Teo apologo immenso, e sem segundo
Taes bases tem de estheticos cimentos !

Eia sus ! que co'o teo saber profundo,
De *san moral* mil maximas golfando,
Brado immenso terás por todo o mundo.

Lá nos futuros évos campeando,
Entre os genios divinos e afamados,
As delicias farás do sabio bando.

Teos dotes divinaes serão louvados
Qual jamais os de Ausonia Tasso e Dante
Por eruditos, inclytos lettrados.

Não na tertulia parva de pedantes,
Da sciencia no augusto santuario
Hão de soar teos meritos prestantes.

Chulo trovista preso a meo fadário,

Erguendo a ti meo fraco, humilde brado,
Hei de comparsa entrar no alto scenario.

Já na tua penumbra acaçapado,
Já porque te cantei, ó vate ingente,
Comtigo espero ser tambem louvado !

E qual será do mundo a estranha gente,
Que, ao som do plectro teo suave e brando,
Não se arroube, se enleve, e se espavente ?

D'entre sapos e rans te vais alçando
Nas azas de teo canto sonoro,
Que deo no mundo um brado formidando !

Mas onde vou tão longo e pressuroso ?
Tecer-te vou acaso uma epopéa ?
Arduo empenho este é, duro e custoso.

É certo que a tua fama gigantéa
De Odysséas maiores é credora
Que as do Gama, Gofredo, e que a de Enéa.

Si de Appollo tivéra os dons agora,
Eu só ao alto empyreo te elevára
Ao som de épica tuba atroadora.

Mas eu, a quem Calliope desprezára,
Eu só mesquinhos carmes posso dár-te,
E não quanto sincero eu desejára.

Pois que não posso em versos elevar-te,
Consente que emmudeça, e esconda a cára,
Que em vez de te aprazer, posso zangar-te.

EPIGRAMMA.

Rufino da Costa Lobo,
Por Jesu-Christo inspirado,
Se tendo todo entregado
A um trabalho em tudo novo;
Para dar ao rude povo
Provas que em sandices crê,
Respeitoso pede que
Sem falta lhe seja dado
Ver seo livro publicado,
Do que espera a mercê.

DEFERIMENTO.

Por isso que em citações,
E não em trabalho vosso,
Consiste o volume grosso,
E em vinte carapetões;
Tereis amplas permissões
De dar, vender e imprimir:
Mas cumpre-me advertir
Que, arrastando o mundo inteiro,
Por muito pouco dinheiro
Vireis a fazel-o rir!

SONETO.

Contra os dogmas do vão philosophismo
Inda hoje estrenuos paladins pelejão;
Em recontos crueis morrem, se alejão,
Sempre illeso ficando o pyrrhonismo.

N'esta lucta infernal do pedantismo
Perscrutão céos e mar, sertões farejão,
Mil auctores ja citão, já trovejão
No mais guindado e fofo gongorismo.

Combate Roselly¹ com tanta gloria,
Tantos tiros dispara, e tão certos
Que aos sons de um berimbão cantou victoria!

Oh! sublimes pharoës, almos luzeiros!
Entraes como leões na lucta ingloria
Para d'ella sahir como uns sendeiros!

1 Roselly de Lorgues.

DECIMAS.

A CERTO MALDIZENTE, QUE OCCUPAVA—SE MUITO
COM A VIDA DO PROXIMO.

Longe põe de ti, casmurro,
Tanto fumo e presumpção;
Si deixas de ser peão,
Não deixarás de ser burro:
Levarás couces e murro,
Si a lingua não contiveres;
Si a verdade ver tu queres,
Ferre a tenaz, como sohe;
Pois tendo tu pés de boi,
Chucharás, si mereceres.

A cara de réo te accusa,
Quando mordeste n'alguem,

Teo nariz torpe tambem
 É tomba, que não me abusa:
 Vergonha da nação lusa,
 Es bronco, sujo e mané,
 Exhalas podre chulé,
 Embora vistas casaca,
 Com gambias de *jabiraca*
 P'ra o norte fica-te um pé.

Si sahes ao domingo á rua
 Mettido em rico jaez,
 Mostras bem que quem ti fez
 Zombou da figura tua:
 Ao pé de alguma charrua
 Foste certo fabricado;
 Pois que em ti designado
 Existe o cunho vilão,
 Alambazado, choutão,
 Sujo, catinga, e pesado.

Si arrotas força herculana,
 Só produzes gargalhada;
 Das co'os pés tanta patada
 Que perdes a tramontana:
 Si, passada a trabuzana,
 Te queres fazer polido,

Inda assim te vês perdido;
 Pois, fallando moderado,
 Tens um tal palavreado,
 Que mais parece um latido.

Á vista, pois, do teo nada,
 Dize-me, ó sujo abegão,
 Terás inda tentação
 De morder na gente honrada?
 Levarás tal surriada
 Lá mesmo no teo covil,
 Qual nunca cá no Brazil
 Levarão certos doutores
 Por nimeamente impostores
 Entre a *plebe*, e gente *vil*.

Eia! treme, que a borrasca
 De chofre as vezes rebenta,
 Quando o nauta n'ella attenta,
 Já o batel tem dado a casca.
 Não desampares a tasca
 Mórmente no tempo escuro;
 Pois não estás muito seguro
 De quando a casa voltares,
 Algum Rolando topares,
 Que, a couces, deixe-te duro!

SONETO.

Vós, de Baccho fieis adoradores,
Que cachaça bebeis como agua fria;
Socios fieis do bacchanal folia,
Ouvi do bello vinho altos louvores:

Sem Baccho, socios meos, sem seos vapores
Fugirá o gozo, o riso e a alegria,
E o misero mortal da Mórte impia
Não podéra olvidar negros horrores.

Assim, pois, empunhae na dextra a taça,
Na sinistra de queijo um bom pedaço,
Dai largas aos diterios e á chalaça.

Eia sus ! beberrões ! nada d'espaco:
Bebei vinho a fartar, bebei cachaça,
Ou antes cada qual faça o que eu faço¹.

1 Vide a nota no fim.

EPIGRAMMA.

Manoel Tinoco João,
Na cathedral empregado,
E tendo sobre o costado
O peso de um louco irmão;
A esta corporação
Respeitoso pede que
Algun cobre se lhe dê,
Às *ordenações* conforme,
Para encher a pança enorme,
Do que espera a mercê.

Não póde ser deferido,
Como pede, o supplicante,
Si bem que para o diante
Possa ser inda attendido.
Tem o thesouro exaurido
Dos fundos a má gerencia,
E é mister por consequencia
Quanto a vós haver poupança;
Pois que a nossa enorme pança
Tem maior proeminencia.

SONETO.

Tens na fronte senil, sempre infamada,
O asqueroso labéo de atroz, impia,
Longe de ti qualquer philanthropia,
Es no crime, Britania, inveterada.

Desar da Europa culta, e decantada,
Es dos mares o horror, cruel Harpia,
Tens o sceptro na mão da tyrannia,
Es grosseira, es feroz, es detestada.

Nunca nos tractos fé, nunca lhaneza,
Nas cinco partes do universo horrenda,
Opprobrio das nações, mãe da avareza,

Sempre tua fama se fará tremenda:
Tens no vicio estribada, e na torpeza
Do crime nos annaes gloria estupenda!

EPIGRAMMAS.

Sabe Arylo o que Newton não sabia,
Sabe mais que Voltaire, mais que Aragô,
E quanto Salomão saber podia:

Sabe que um presidente *nunca* errou,
Que a lisonja não faz lá grande damno,
Que a intriga a muitos grandes elevou;

Sabe chamar medula o que é tutano,
E sabe, grande Deos! e o decorou,
Quantos *ossos* encerra o corpo humano!

Quer casar Gonçalo a filha,
E anda após seja quem fôr;
A quem der a perarvilha
Diz fará grande favor.

EPITAPHIO.

Aqui jaz uma donzella
N'esta campa carcomida;
Morreo de febre amarella
Com tres dias de parida.

Baixou á campa sombria
Trazendo palma e capella;
Si no inferno a culpa expia,
O demo tenha dó d'ella.

SONETO.

Abaixa, *Sellarep*, abaixa a prôa,
Despe a bazofia já, despe a insolencia,
Que a fama de tua insolita demencia
Por toda a parte discorrendo, sôa.

Si algum zote teos meritos pregoa,
Certo de siso tem total carencia,
E a metteres a mão na consciencia,
Commigo has de convir que es vil pessoa.

Quem no teo todo fofo, impertigado
Quando attente, não vê que es um casmurro,
Um resivel peralta, um tresloucado ?

Eia ! não descorções—*zurro* e mais *zurro*—
Que em breve terás tu mais provas dado
Que es o mais lerdo e miseravel burro.

EPIGRAMMAS.

Arylo, empregado fino,
Faz progressos na sciencia:
Minuta com muito tino,
Adula com eloquencia,
Informa sempre ferino,
E enreda com sapiencia.

Que menina esp'rituosa
Me parece a Mariquita,
Alem de muito vistosa,
Zombeteira e expedita.

Quando dá-me um ar de riso,
Faz-me fugir por cautela:
Si eu tivéra menos siso,
Talvez casasse com ella.

Tens a lettra, Arinêo, fresca e bonita;
Taes visos tem floresta emmaranhada;
Si espinhos esta tem, troncos, diabada,
Ganchos, púas, arpêos tens tu na escrita!

SONETO.

Tu es, immenso Arylo, um gran' portento,
Na trombeta da fama es celebrado,
Byron, Tasso, Camões tens supplantado,
Nem da Grecia ao cantor deixaste alento.

Nas asas do immortal teo pensamento
Foste do Pindo ao cume alevantado,
Apollo te brindou co'o dom sagrado,
São de Aganippe as lymphas teo sustento.

Na marcha singular, que has proseguido
Aos Andes espantaste com teo brado,
Desd'o Amazona ao Prata es conhecido.

Quem ha hi tão tenaz, tão tresloucado,
Que, nas *copias* te vendo destemido,
Não pasme de terror, fique assombrado!

FIM DO LIVRO SEGUNDO.

NOTAS

AO LIVRO SEGUNDO.

NOTA UNICA.

Eil-os commigo quanto orador funebre ha hi de roupa nova e de roupa velha: « Cantar em um soneto a embriaguez no meio de uma orgia, depois de ter cantado um FUNHAL tambem em verso! » (vide a pag. 82.) Não vedes logo, papalvos, que do dizer ao fazer vai grande distancia, e que, fazendo esse soneto, não tive em vista mais que divertir-me, e a meos companheiros, que erão todos pessoas honestas, e morigeradas? Ergo—é desnecessario o indefectivel « discurso funebre. »

N. B.

Por não haver espaço deixo de dar uma errata completa, como desejava, ficando esta falta supprida pela intelligencia do leitor perspicaz, alem de que poucos forão os erros, que escaparão, sendo os principaes o da pag. 61 do liv. prim., vers. 19, que deve ler-se—Impune, e por ventura aonde outr'ora—em vez de—Impune, por ventura em chão, que outr'ora—e o da pag. 10 do liv. seg., verso 6, em que se acha a palavra BALCÕES em lugar de BULCÕES.

Muitas outras poesias do genero satyrico deixão de ser publicadas tambem por falta de espaço.